

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E



PROMOVINVEST

Promover o investimento
cá dentro e lá fora

promovinvest.com

p/06 e 07.

Balanço do ano e o plano de atividades da AILD.
Mensagem do presidente Philippe Fernandes

p/ 12.

Grande Entrevista.
Ministra da Cultura, Graça Fonseca

p/ 30.

Artes e artistas lusos. Por Terry Costa.
Samantha Neves, a cantora lusodescendente canadense

N E S T A E D I C Ā O

p/ 34.

Tradições Lusas. Comerés de inverno Botelos e as
sorças de adobar carnes. Por António Monteiro

p/ 42.

Da língua portuguesa: curiosidades
Lembrar Eduardo Lourenço

p/ 58.

Sabores lusos em estado líquido.
A ignorância e a cobardia. Por Pedro Guerreiro

Obra de capa

Título: ÚA BIXILA - chegou

Dimensões: 35,5 x 27

Técnica: acrílico e tinta da China s/ papel

Descrição da obra:

Úa Bixila, chegou, o pássaro Kanjinvy. Kanjinvy, filho da velhice, o mais novo, a casula, onde requer mais atenção, carinho e proteção. Liberdade é com ele, veio para fazer a diferença.

Todo malhado com pintas pequenas e pretas, com olhar pávido e sereno.

Aqui começa a vida e a história de um lindo pássaro.

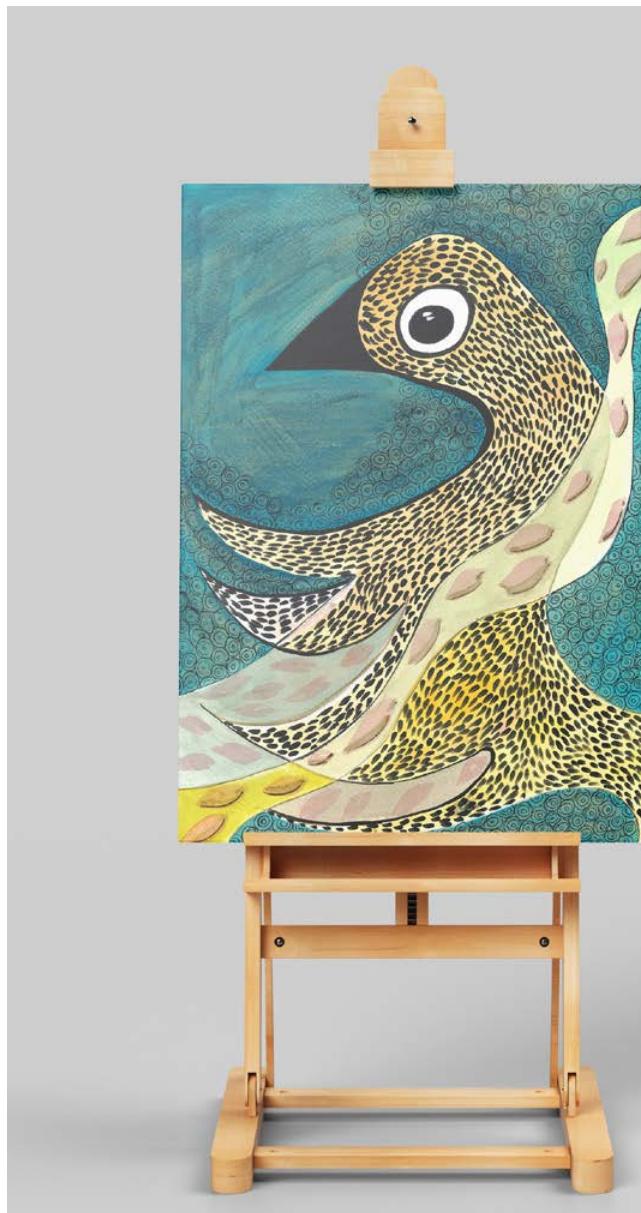
Atento, observa com atenção a passagem e os ensinamentos dos seus ancestrais

- A vida na natureza é bela.

- Pensou ele.

Erika Jâmece

obrasdecapa@descendencias.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Madalena Pires de Lima | **Diretora Comercial** Gilda Pereira | **Editores** António Manuel Monteiro, Alfredo Stoffel, Branca Célia Dias, Cristina Passas, Flávio Alves Martins, Fernando Cerqueira Barros, João Costa, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, Inês Bernardes, Ismaël Sequeira, José Governo, José Martinho, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Pedro Guerreiro, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sonia Coelho, Tiago Sabarigo, Tiago Robalo, Vítor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade Mensal** | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E: publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras

Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º nº2, i) e ii), artigo 75º nº2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 01 Janeiro 2021, GRATUITA

Editorial

Neste primeiro dia do ano de 2021, desejo a todos os nossos leitores disseminados pelo mundo, renovadas esperanças e forças, no sentido de descobrirmos mais leveza nas nossas vidas. Ainda que sem muita consciência, a cultura fez parte dos nossos confinamentos, melhor ou pior aceites. E, porque a cultura portuguesa nos é tão querida, nesta edição, entrevistámos a ministra da cultura do governo português, Graça Fonseca. Fique atento às novas medidas tidas como imperativas na salvaguarda dos profissionais da cultura. A quantos de nós, um poema ou uma música salvou um dia? Voemos mais além este ano e para nos inspirar ao sacudir de asas, nada mais expressivo do que um pássaro, representado na nossa obra de capa. Kaninvy é uma ave sábia, mas nova é ávida de liberdade, um valor maior que aspiramos manter, na certeza da troca de atenção, carinho, proteção, alicerces habitualmente dignos dos ancestrais que com ou sem asas nos vão alertando que ‘a vida na natureza é bela’ . A AILD, Associação Internacional dos Lusodescendentes, pela mão do seu presidente Phillippe Fernandes, declara-se esperançada no seu plano de atividades para este ano, deixando adivinhar muita diversificação empenhada, com referência a um caminho ambicioso na colaboração e parceria com entidades públicas e privadas. Me-

rece o nosso destaque a campanha de solidariedade junto do IPO e a exposição de obras de capa de 2020 do mestre Ismael Sequeira. Acrescentamos reflexões sobre o Brexit, em ‘migrações’ e trazemos-lhe a opinião sempre atual de um conselheiro das comunidades portuguesas. Em’ artes e artistas lusos ‘desembrulhamos’ a lusodescendente Samantha Neves. Nas ‘tradições lusas’, abra uma excepção – porque o frio o permite – e delicie-se com os começos de inverno ‘Botelos e as sorcas de adobrar carnes’, pela sempre escrita deliciosa de António Manuel Monteiro. Terminou a era- neste planeta – de Eduardo Lourenço. Registamos uma singela homenagem, nas curiosidades da nossa língua, a este ensaísta que teve a humildade de constatar que:

‘todos os meus livros são de circunstância... Já só escrevo de empreitada... Nunca me quis servir dos autores...’. Inês Bernardes apresenta-nos a ‘nova era para cada signo’, interpretando – como de costume – o céu que a todos une. Não perca a receita de ano novo em poesia e aproveite a sugestão das nossas lupas, Cá dentro e Lá fora. Espreite os nossos sabores sólidos e líquidos para que nunca lhe falte o palato. Que seja um ano legal e fiscal mais justo e informado. A todos desejo mais solidariedade, mais interajuda e resiliência. Bom Ano de vanguarda!



Madalena Pires de Lima
Diretora Adjunta

2021

AILD

Balanço do ano e o Plano de Atividades para 2021

Depois de um ano completamente atípico, de um vírus que fez parar o país e o mundo, que mudou as nossas vidas, os nossos hábitos, as nossas rotinas, condicionando os nossos sonhos, objetivos e projetos, e criando um impacto extremamente negativo nas pessoas, nas famílias e nas empresas, com consequências económicas e sociais enormes, resta-nos a esperança.

A AILD, teve um conjunto de projetos, ações e iniciativas que se viu obrigada a cancelar e adiar, por conta da pandemia Covid-19, no entanto, tivemos de nos adaptar e reinventar, por forma a conseguirmos ter uma ação útil junto dos nossos associados, lusodescendentes e comunidades portuguesas em geral e de todos os nossos parceiros e colaboradores.

Apesar das restrições im-

postas para as festividades do Natal e Ano Novo, com todo o impacto negativo que implica, a vacina traz uma nova esperança para 2021, que permitirá que tudo possa começar progressivamente a voltar à normalidade. Com o anúncio da vacina e as primeiras administrações da mesma, os próprios mercados financeiros, já começaram de novo a ganhar confiança, verificando-se já bons indicadores de crescimento. E portanto, tem de ser este o espírito de Portugal e do mundo, de **esperança e confiança** no futuro, sobretudo, de confiança em nós, para voltarmos de novo a lutar pelos nossos objetivos, pelos nossos sonhos e projetos.

E é precisamente com esta esperança e confiança no futuro, que a AILD reservou o mês de dezembro para projetar o ano de 2021,

construindo um Plano de Atividades ambiciosos, cheio de ideias, projetos e desafios. Pretende ser um Plano de Atividades focado em objetivos e metas muito concretas, mas que queremos materializá-lo acompanhados de parceiros e colaboradores, pois, o nosso caminho, a nossa ação e os nossos objetivos, têm um propósito prioritário – as pessoas. Estamos absolutamente convictos que **juntos seremos mais fortes e unidos iremos mais longe**.

E é com este espírito que queremos desejar um Feliz Ano de 2021, que traga muitos sucessos, realizações e felicidade a todos os portugueses, aos lusodescendentes e a todas as Comunidades Portuguesas espalhadas pelo mundo, colocando-nos ao dispor para aquilo que precisarem da nossa parte.

Antes de tudo obrigado por fazerem parte desta aventura.

Obrigado àqueles que participaram nas nossas atividades e como não manifestar orgulho nos elementos da nossa equipa que tornaram possível as atividades do ano passado.

A Associação AILD entra no seu terceiro ano de existência, 2021, com perspetivas muito promissoras para a sua atividade.

Convido-os a descobrir no nosso site o nosso plano de atividade de 2021 cheio de ânimo, esperança e vontade de contribuir para uma boa imagem dos lusodescendentes e emigrantes espalhados por esse mundo fora, bem como de todas as comunidades lusófonas. Este plano de atividade não é estanque, qualquer membro poderá ainda suger-

rir ou promover outras atividades que não foram contempladas.

Entre as inúmeras atividades que poderiam ser destacadas, a campanha de solidariedade com os IPO, será sem dúvida a que reunirá todo o nosso carinho e empenho na sua concretização.

A Associação AILD desenvolverá, também, um grande esforço a nível da transmissão de conhecimentos. Nesse âmbito prevemos realizar várias ações formativas certificadas e não certificadas abertas a todos.

A Associação apesar de ter sido criada por lusodescendentes promove ações destinadas a todos, lusodescendentes ou não, portugueses ou não, residentes ou não residentes, são, portanto, todos bem-vindos. Aliás, podemos mesmo dizer

A I L D

Feliz ano novo

que todos podem ser sócios, todos estão convidados. Privilegiaremos sempre eventos presenciais, independentemente das dificuldades, pois nada substitui a presença física, a interação presencial e já agora um abraço e um beijo.

Agregar, unir, fomentar são sem dúvida marcas que pretendemos incorporar em todas as nossas ações. Pretendemos também reinventarmo-nos constantemente, e por essa razão o nosso site sofrerá uma evolução natural, bem como a nossa revista.

Agradeço também de forma muito especial à equipa do Ministério dos Negócios Estrangeiros, na pessoa do Exmo. Senhor Prof. Dr. Augusto Santos Silva, da equipa da Secretaria de Estado para as Comunidades Portuguesas, na pessoa da Exma. Senhora Dr. Berta Nunes, bem como da equipa do

Camões Instituto, na pessoa Exmo. Senhor Embaixador Dr. João Ribeiro de Almeida pela atenção e estima que temos sentido na concretização de várias iniciativas.

Abriremos as atividades de 2021 com uma magnífica exposição dos quadros de pintura do Mestre Ismael Sequeira que marcaram de forma única a nossa revista em 2020, e aproveitem também para descobrirem quem assegurará as capas da edição de 2021 da nossa revista.

Não posso deixar de mencionar o Mestre Carlos Farinha que fez brilhar as nossas capas do ano de 2019.

Bom Ano de 2021, Feliz Ano Novo em que contamos com a vossa presença, participação e iniciativas



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

| A I L D

Palavra aos Associados Ígor Lopes

Jornalista, escritor e social media entre Brasil e Portugal. Doutorando em Ciências da Comunicação, Mestre em Comunicação e Jornalismo, Especialista em Gestão de Comunidades e Redes Sociais para Jornalistas e Licenciado em Comunicação Social. Autor de quatro livros-reportagem que conectam os dois países. CEO da Agência Incomparáveis, e correspondente da Agência e-Global.

Quando foi o seu regresso a Portugal?

Nasci e vivi no Rio de Janeiro. Por duas vezes decidi viver em Portugal. Aos 24 anos, em 2004, quando trabalhei na imprensa portuguesa. Em 2010, regressei ao Brasil para trabalhar em projetos de comunicação entre os dois países. Mais recentemente, em 2018, regressei a Portugal para mais alguns desafios pessoais e profissionais.

Motivações desse regresso?

Regressei a Portugal para procurar uma melhor qualidade de vida, neste momento. Trouxe a minha família e estamos felizes com esta nova fase nas nossas vidas. Portugal é um caminho natural de quem tem raízes fortes no país, como eu. Mas o coração está sempre dividido, em constante mutação emocional entre Brasil e Portugal.





Que projetos está a desenvolver?

Iniciei recentemente o doutoramento na Universidade da Beira Interior, na Covilhã, e comecei as entrevistas para um novo livro que irá tratar da tradicional Festa da Agonia, em Viana do Castelo, trabalho direcionado para brasileiros e lusodescendentes. A minha mudança para Portugal prende-se também, com o facto de ter sido convidado para integrar um projeto da ONU, através da UNICEF, com jovens refugiados. Em paralelo, desenvolvo trabalhos com a Agência Incomparáveis, na qual trato assuntos entre Brasil e Portugal sob uma perspetiva

dinâmica, com foco em temas baseados em aspetos sociais, culturais e comerciais.

Expectativas relativas a Portugal?

Nesta nova “viagem” a Portugal, espero poder acompanhar de perto o desenvolvimento do país e trabalhar, na vertente comunicacional, para aproximar ainda mais brasileiros e portugueses. Acredito que há muito por descobrir, por desbravar. Somos países irmãos que pouco se conhecem, efetivamente. Temos relações que, por muitas vezes, são superficiais, baseadas em estereótipos, quando temos

grande influência na região onde estamos inseridos, tanto na Europa como na América do Sul. E podemos tirar bons dividendos desse cenário.

Dificuldades sentidas no regresso?

Não senti grandes dificuldades por ter uma boa estrutura familiar e uma “base operacional”, casa própria, no Douro. E também, porque procuro observar os aspetos positivos em todas as situações. Porém, e por ter discernimento sobre as necessidades da comunidade portuguesa que pretende regressar a Portugal, existe uma enorme dificuldade em se obter in-

formações sobre os programas existentes, que prometem auxílio para a mudança para Portugal, como por exemplo, para ingressar no ensino superior, para ter acesso a oportunidades profissionais e, inclusive, para iniciar uma atividade empresarial ou investir em Portugal. É necessário investir em pontos focais que auxiliam nesses aspectos. Fui procurado por pessoas que não conseguiram aceder às ajudas governamentais em virtude da burocracia, dos prazos ou da pouca informação disponível. Ou seja, apesar de existirem protocolos e projetos que prometem ajudar no regresso dessa comunidade, há dificuldades na efetivação dos mesmos. E a Covid-19 atrapalhou ainda mais.

Sugestões para que voltem mais lusodescendentes a Portugal?

A vida em Portugal tem muitos aspectos positivos. Mas é preciso ter em mente que na grande maioria das vezes toda mudança é atribulada e pode acontecer de termos as nossas expectativas defraudadas, numa fase inicial. Nem sempre a chegada e a adaptação à rotina diária no país são pacíficas. Por outro lado, quem decide viver em Portugal deve, além de procurar oportunidades profissionais, ficar atento às possibilidades de investimentos em várias áreas. Há nichos de mercado que merecem atenção no contexto europeu, num mundo pós-Covid, como na restauração, na construção civil e no mercado digital. Portugal tem uma grande desfasagem entre empresas com presença on-line as empresas tradicionais que não querem sair da sua zona de conforto e alcançar novos públicos. Geralmente, esses gestores, mesmo que familiares, não têm conhecimento para essa aventura na Internet. Está aí uma boa oportunidade profissional. É preciso que as empresas estejam on-line.

O que mais o encanta em Portugal?

Quase tudo me encanta, mas a qualidade de vida, a gastronomia, as minhas origens e o património histórico e cultural do país têm um valor inestimável. Importa destacar que as minhas origens são em Armamar, no Douro, distrito de Viseu, por parte de mãe. E, por parte de pai, em Constantim, Trás-os-Montes, distrito de Vila Real.

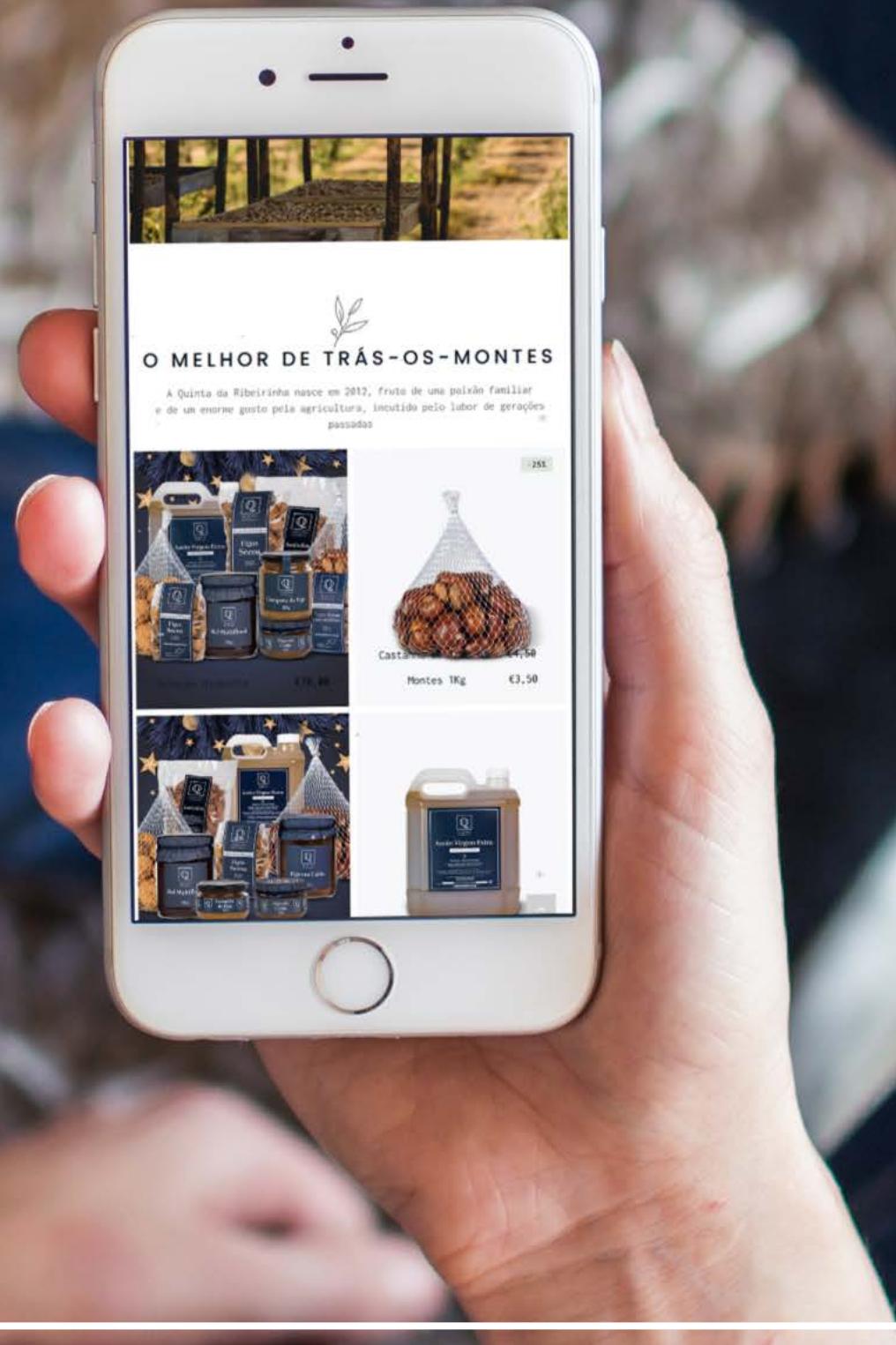
O que menos o encanta em Portugal?

A burocracia. Alguns aspectos são muito burocráticos, como abertura de empresas, a questão do IVA, gestão financeira e etc. Perder tempo com soluções que poderiam ser “facilitadas” não faz sentido num contexto de desenvolvimento em que Portugal se encontra. Um país que apela a que a sua comunidade que vive no estrangeiro volte a viver em Portugal, deve apostar na centralização dos serviços, das informações, pois não se trata, na maior parte das vezes, de cidadãos puramente estrangeiros ou puramente nacionais. São um misto de “cultura pessoal”, próprio de quem vivia noutro país, mas que nutria uma aproximação a Portugal. Nem tudo precisa ser “novo”. Quem chega, e não está em contexto de reforma, e vier para trabalhar ou estudar, não precisa necessariamente “perder tempo” a procurar informações em locais e ferramentas descentralizadas, como “onde encontro uma casa para arrendar ou comprar”, “onde posso pedir um serviço internet móvel ou fixa”, “onde devo pagar os meus impostos”, entre muitas outras dúvidas que, no dia a dia, atrasam e perturbam a adaptação de quem chega. Se é burocrático para quem já vive no país, imagine para quem está a chegar com brilho nos olhos, saudades para matar e sonhos por realizar?

Uma mensagem para os outros associados?

Defendo o conceito de luso-brasiliidade, que diz respeito à condição específica – cultural, social e afetiva – de quem compartilha os seus anos de vida no Brasil, em Portugal ou entre os dois países. A ligação entre essas duas nações é forte, sensorial, apolítica. Temos uma forma única de viver, de pensar, de agir. Levamos no peito sentimentos indivisíveis. Não somos de lá, nem de cá. Somos um só. Lusófonos e, sobretudo, luso-brasileiros.

QUINTA DA RIBEIRINHA . PT





GRANDE
ENTREVISTA
MINISTRA DA CULTURA
GRAÇA FONSECA

Graça Maria da Fonseca Caetano Gonçalves nasceu em Lisboa em 1971.

Doutorada em Sociologia pelo ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, com Mestrado em Sociologia pela Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e licenciada em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Foi investigadora do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, entre 1996 e 2000.

Foi Vereadora na Câmara Municipal de Lisboa com os Pelouros da Economia, Inovação, Educação e Reforma Administrativa, entre 2009 e 2015.

Exerceu funções como chefe do gabinete do Ministro de Estado e da Administração Interna e do Secretário de Estado da Justiça no XVII Governo Constitucional (2005-2008).

Foi Diretora Adjunta do Gabinete de Política Legislativa e Planeamento do Ministério da Justiça entre 2000 e 2002.

Foi Secretária de Estado Adjunta e da Modernização Administrativa no XXI Governo Constitucional até outubro de 2017 tendo depois sido indigitada Ministra da Cultura.





Agradecemos muito a honra desta entrevista. A senhora ministra é licenciada em direito e doutorada em sociologia. Gostaríamos de saber como surgiu este convite para a pasta da cultura.

O convite surge da parte do senhor primeiro-ministro, que é quem convida as pessoas para o governo. Como sabem, trabalho com ele há muitos anos. Estive durante bastante tempo em Lisboa, ligada a muitas áreas, as quais se cruzam muito à área da cultura. O convite veio dele, naturalmente, baseado naquilo que traduz o conhecimento das minhas competências, ao longo dos anos. Penso que a pergunta é mais dirigida ao senhor primeiro-ministro que a mim.

Há cerca de um ano referiu a necessidade de se avançar com uma «revisão crítica» do modelo de apoio às artes, seguindo assim as propostas que tem recolhido em diversas cartas e intervenções. Passado um ano que modelo de apoio às artes tem implementado?

O modelo de apoio às artes tem, associado, ao longo dos anos, um conjunto de concursos, e ao longo deste tempo tem-se verificado alguma variabilidade nas suas regras. Quando eu tomei posse tinham acabado de ser anunciados os resultados do último concurso de apoio sustentado e tinha sido solicitado ainda pelo anterior ministro a constituição de um grupo de trabalho - uma comissão - para se fazer a análise do modelo e propor alterações ao mesmo. Quando eu tomei posse, o primeiro documento que se encontrava

na minha secretaria era o do relatório desse grupo de trabalho e na altura o que nós resolvemos fazer foi aceitar todas as propostas de alteração que tivessem obtido o consenso dentro desse grupo de trabalho. Qual é aqui a parte relevante do ponto de vista para as pessoas entenderem o que é o modelo de apoio às artes e como funciona e finalmente, como vemos o futuro? O modelo de apoio às artes é o instrumento ou ferramenta principal da direção geral das artes, no sentido de apoiar aquilo que é a criação e a programação das diferentes áreas, que são a música, a dança, o teatro e as artes visuais. Um dos grandes desafios do modelo de apoio às artes é a promoção de sustentabilidade das entidades artísticas que são apoiadas. Tipicamente, existem concursos que têm apoio para quatro anos e concursos que têm apoio para dois anos. O que estamos neste momento a definir para o futuro é a alteração deste modelo. A título de exemplo pretendemos que seja possível a renovação de um apoio de uma entidade que esteja a receber esse apoio para dois anos, consiga esse apoio para três anos, sendo que pretendemos que esses três anos sejam renovados durante mais três anos, mediante parecer positivo. No fundo, são alterações que vão no sentido de incrementar a sustentabilidade e, acima de tudo, sendo mais importante ainda que o modelo de apoio às artes, funcione em articulação com outras diferentes ferramentas. Neste momento, temos em curso variados projetos, como a discussão do estatuto profissional do profissional da cultura; a regulamentação de uma rede de teatro e cineteatro em todo o país; os novos contratos de programas dos teatros nacionais e também os concursos das orquestras regionais. O objetivo para 2021 consiste em que todas estas peças - numa estratégia integrada - funcionem de forma que dialoguem umas com as outras. Para dar um exemplo, uma das alterações que estamos a propor na regulamentação

da rede de teatros e cineteatro, surge no sentido de que esses mesmos recebam e acolham entidades artísticas que beneficiam dos apoios do modelo de apoio às artes. Assim, conseguiremos dois objetivos: a sustentabilidade e a descentralização, tanto mais garantindo que aquelas entidades, que são apoiadas ao nível do estado central, circulem por todo o país, deslocando-se a todos os locais do país, incluindo os mais descentralizados. No sentido de concretizarmos estes objetivos, foi feita uma discussão com muitas entidades, já foram também apresentados publicamente estes diferentes instrumentos e irá ser iniciado o processo legislativo, ou seja, discutido o tema em conselho de ministros. Espera-se que até ao final deste ano, esses instrumentos sejam aprovados e seja - no âmbito do novo orçamento de estado, em janeiro - iniciada a sua implementação.

Um outro compromisso assumido, foi o aumento da capacidade financeira para poder apoiar mais e de uma melhor forma as atividades culturais e artísticas do País. Tem havido mais dinheiro para a cultura? Qual tem sido a estratégia e as políticas na distribuição desse dinheiro.

A evolução, desde 2015, é de um aumento de cerca de 70% do orçamento da cultura. Podemos falar dessa trajetória, no sentido de todos os anos existir um incremento. Este ano, o orçamento de estado para a cultura aumentou cerca de 15 % em relação ao ano anterior. São mais 21 milhões de euros, através, apenas, dos impostos, que todos pagamos. Ao longo dos anos, temos mantido sempre o compromisso de aumentar progressivamente o orçamento. Quando falamos de números e de orçamento estamos fundamentalmente, a falar de pessoas. O dinheiro não serve apenas para podermos dizer quem conseguiu mais ou quem conseguiu menos.





O que nós pretendemos é que se consolide uma rota de crescimento que tenha como meta medidas concretas. Sabemos que este ano está a ser difícil e que o ano que vem também vai ser muito difícil nomeadamente, para a cultura, pois esta crise não é uma mera crise económica. Noutras crises, como na crise de 2011, ninguém foi obrigado a ficar em casa, não houve recolher obrigatório, os teatros e os cinemas não tiveram de encerrar portas, as escolas de dança não se viram obrigadas a fechar, os projetos de mediação ou projetos educativos das escolas não tiveram de ser cancelados.

e o público estrangeiro estava cá...

Já nem vou por aí. É verdade que o público estrangeiro ou os turistas – como desejarmos chamar-lhes – são fundamentais do ponto de vista da entrada nos museus e monumentos, nos festivais de música, entre outros, mas, neste momento a situação é muito diferente da que vivemos no passado. E é exatamente por isso que no orçamento de

2021, o grande investimento é o apoio às pessoas, aos artistas, aos autores, aos técnicos, DGARTES...o orçamento da DGARTES teve um incremento superior a 20%. O que vamos fazer é o seguinte: o que existir de reforço orçamental em 21, nessa lógica crescente, vai ser orientado fundamentalmente para onde é mais necessário, do ponto de vista da criação artística e da formação artística, exatamente onde estão as pessoas. Esse vai ser o grande foco para 2021.

Em que medida é que os particulares e as associações como a AILD e a revista DESCENDÊNCIAS Magazine que têm contacto privilegiado com um público abrangente nomeadamente com os lusodescendentes, podem, nesta altura apoiar a cultura?

Penso que cada um de nós pode apoiar a cultura de formas tão simples como comprar um livro de um autor português ou, por exemplo, no próximo natal – e dentro das nossas possibilidades – oferecer um bilhete para o teatro ou para o museu. Muitas vezes esquecemo-nos que cada um de nós



tem um papel muito importante na nossa relação com a cultura ou com quem está por detrás da mesma. Se calhar as pessoas que compram um livro, nem sempre se lembram que por detrás daquele livro está alguém que o escreveu, alguém que o editou ou uma pessoa que o está a vender numa livraria. E é essa a melhor forma de apoiar a cultura. Se em tempos bons é importante essa relação com a cultura portuguesa, estejamos cá ou fora do país é importante que se mantenha, porque é uma forma de estarmos ligados a algo que é nosso, em tempos difíceis como são estes que estamos a viver, esse nosso papel é ainda superior. Portugal neste momento é dos poucos países que - não obstante as limitações que o governo teve de decidir - os equipamentos e os espaços culturais continuam abertos e essa circunstância significa um esforço brutal pela parte do tecido cultural, dos programadores, dos músicos, dos técnicos, dos atores e de todas as companhias, de adaptação aos novos horários. Quando o governo anunciou que a partir das 23 horas, não se podia circular, no espaço de 24 horas, dezenas de teatros e salas de espetáculo, em todo o país anteciparem horários

e não cancelaram os espetáculos e isto é um esforço gigante para se manterem a braços com o trabalho. O que cada um de nós pode, quer aqui, quer lá fora, é corresponder a esse esforço (pela parte do tecido cultural) e ir a espetáculos, cinemas, comprar livros, no sentido de manter essa relação com a cultura nacional, sendo agentes de promoção e apoio à cultura nacional. De resto, durante o confinamento e no estado de emergência foi a cultura que nos fez companhia. A música, os livros e os espetáculos na televisão. Por exemplo, nunca tivemos tanto teatro na televisão, como nessa altura. Está, por isso, na altura de reconhecer e ter a consciência do quanto a cultura está inerente a todos nós, sem que dessemos por isso.

Que balanço faz da sua atuação como ministra da cultura e das políticas públicas que tem adotado para a promoção e valorização da cultura em Portugal?

Penso ser um pouco cedo para balanços, apesar de estar na pasta há dois anos. Temos procurado seguir duas ou três



linhas prioritárias. Por um lado, temos procurado resolver muitos problemas que estavam por resolver, em temas relacionados desde a arte do Estado a alguns investimentos que eram necessário realizarem-se. Para dar um exemplo, no dia anterior à minha tomada de posse um jornal noticiava: «um buraco na cultura». Tinha acabado de passar uma tempestade e o sucedido dizia respeito a um convento do estado, o convento da Saudação, onde o Rui Horta tem o seu projeto de programação cultural: «o espaço do tempo», projeto de intervenção cultural que há muito tempo aguardava uma intervenção e que, por outro lado, permitisse não só preservar e reabilitar aquele importante monumento nacional e que continuasse um programa cultural em Montemor, o qual é importante para aquele território. A obra está a decorrer e este é um exemplo de que nós precisamos de resolver muitos dos problemas do património cultural em Portugal, que há muito tempo precisavam de ser resolvidos. Naturalmente, hoje as prioridades mudaram pelo impacto da pandemia, mas enfim, uma segunda

prioridade que procuramos sempre foi definir medidas de política pública que sejam estruturadas e estruturantes, ou seja, temos de conseguir implementar medidas de política que se prolonguem no tempo, por cinco a dez anos, no sentido de dar sustentabilidade e estabilidade a um setor que necessita muito desses dois fatores e assim podermos, também definir prioridades muito importantes. Por outro lado, pretendemos, neste orçamento de estado trazer as entidades privadas e os cidadãos para esta causa de todos que é a cultura. Nomeadamente, através do mecenato - cujas regras foram alteradas neste orçamento - pretendemos que essas entidades privadas passem a poder ser beneficiárias de mecenato para efeitos fiscais pois até aqui só acontecia para as entidades públicas. Por outro lado, e de acordo com uma terceira medida, as empresas que invistam na realização de projetos culturais passam a ter benefícios na majoração em sede de IRC. Isso passará a acontecer para investimentos em reabilitação de património cultural, para as entidades privadas que invistam mais de 50 mil euros.



Terão uma majoração de 10% no IRC e de 20%, também no IRC, no caso de o investimento ser realizado no interior do país. Assim, passa a existir um compromisso do Estado com a Cultura, envolvendo cada vez mais os cidadãos e as empresas. Aquilo que nós ambicionamos é a ampliação da relação do equipamento cultural com as pessoas, criando novos públicos.

Tem defendido ser “muito importante” a existência de uma política pública para a exportação da cultura nacional? O que tem sido feito neste domínio?

Tenho falado muito em diplomacia cultural. Portugal tem feito um grande percurso no seio da diplomacia económica e nós temos tentado fazer um caminho de diplomacia cultural. Hoje, possuímos um acordo anual entre a cultura e o ministério dos negócios estrangeiros, que se traduz nos protocolos anuais para a ação cultural externa. O caminho que temos feito é o de enquadrar um instrumento que liga

as duas áreas de governo: cultura e negócios estrangeiros, no sentido de articular e dar a conhecer as iniciativas culturais, fora do país e que ocorrem durante o ano. Por exemplo, na área do livro, as feiras do livro ocupam um papel muito importante e uma oportunidade fundamental para dar a conhecer os autores nacionais. Nesse sentido, será importante, em 2021, Portugal participar, como convidado, na feira do livro de Leipzig. As feiras são uma oportunidade, também, de incrementar a tradução de autores nacionais, mas também são momentos importantes para divulgar outras áreas da cultura, para além da área do livro, como por exemplo aconteceu na feira do livro de Guadalajara, onde houve a presença de outras áreas culturais, como por exemplo um concerto de música e uma exposição dos lenços dos namorados e também das tapeçarias de Portalegre. Por outro lado, também estamos a trabalhar com a AICEP, na perspetiva de ser muito importante que os artistas e a cultura, em geral, estejam presentes quando se faz a promoção do país. É, justamente, esta articulação entre o MNE,



a AICEP e o INSTITUTO CAMÕES que se revela crucial para a exportação da cultura portuguesa. Somos um país culturalmente muito rico; geograficamente com uma dimensão territorial média, apesar de termos uma história longa e somos estáveis. A nossa língua está presente em todo o mundo, pelo que o importante é abrirmos novas oportunidades a novos artistas, fora do nosso espaço geográfico.

Inevitável não falar da pandemia Covid-19, que o país e o mundo estão a viver. Podemos dizer que praticamente todos os setores da sociedade têm sido afetados, mas a área da cultura, concretamente o mundo dos espetáculos, desde o teatro, à música, aos concertos, estão efetivamente a passar por tempos muito difíceis, podendo até ser dos setores onde terá tido maior impacto, e que parece estar para durar, face a esta segunda nova vaga da pandemia.

Estamos portanto, perante um grande desafio para o seu ministério, não é verdade? Como tem o ministério da cultura lidado com tudo isto? Que políticas estão a ser adotadas para minimizar este impacto, sabendo que há gente e profissionais a passar mal neste setor?

Em janeiro de 2020, toda a nossa programação estava baseada no programa do governo e nas prioridades das quais já falamos. O mundo mudou em março e o que nós procuramos fazer foi por um lado assumir medidas de muito curto prazo para o tempo muito imediato, desde linhas de apoio às artes; intervenção de apoio social e outras, e em simultâneo as medidas de apoio do governo à economia que também abrangem os trabalhadores independentes da área da cultura, reagindo o mais rapidamente possível. Não podemos perder de vista que algum dia a pandemia vai sair



das nossas vidas, pelo que não podemos continuar a trabalhar nessa perspetiva. O que a epidemia veio colocar foi uma maior visibilidade sobre as dificuldades e vulnerabilidades que o setor tem. O que fizemos foi aprovar um estatuto para o profissional da cultura, que se era urgente antes, tornou-se central neste trabalho de 2020 e para 2021, envolvendo as áreas das medidas sociais e fiscais. O que decidimos fazer foi colocar a elaboração de um estatuto do profissional da cultura como prioridade deste ano. Temos vindo, com um grupo de trabalho, a reunir com todas as entidades representativas de todos os setores, nomeadamente com o ministério da segurança social e dos assuntos fiscais. Também estão envolvidas associações representativas do cinema, do áudio visual, do teatro, do sindicato, entre outros, com as quais foi feito um conjunto de reuniões, a partir de junho, umas penárias e outras bilaterais de cariz mais técnico. Definimos que existem três componentes para o estatuto: registo profissional e cartão profissional, a regulamentação das relações de trabalho e a terceira, que diz respeito

aos regimes contributivos para a segurança social, a qual é importante, tendo em conta que são profissionais que têm carreiras intermitentes e irregulares na prestação do seu trabalho. O ministério da cultura não se pode substituir pelo ministério da segurança social. Os profissionais da cultura devem estar abrangidos pelo sistema português de segurança social. No futuro, independentemente de existir uma pandemia ou não, o nível de prestação social tem de ser diferente.

Acha que esta situação que estamos a viver pode ser uma oportunidade para repensar as políticas públicas no que à cultura diz respeito? O meio cultural/artístico e os próprios artistas devem também, refletir sobre tudo o que está a acontecer, encontrarem soluções alternativas, e ajustarem-se a este “novo normal” de que tanto se fala por aí?

Tenho sempre dificuldade em definir uma crise como uma oportunidade. Ouço muitas vezes pessoas falarem como se



vivêssemos em 2019 e não vivemos. Estou convencida que isto vai mudar a nossa forma de nos relacionarmos uns com os outros e que esta crise trará um forte impacto social forte do ponto de vista do que é a relação em comunidade e ainda não estamos a perspetivar esses impactos. Veremos o que o futuro trará. Penso que não podemos sair disto da forma como entramos. Será uma irresponsabilidade não aprender com esta crise e a questão que estamos a trabalhar relacionada com a preparação do estatuto de todos os que trabalham, criam e programam nesta área, é a melhor fórmula para responder à pergunta e dizer que temos todos a aprender com isto, voltar a entrar numa crise como entramos nesta, não é possível, temos que fazer tudo para evitar que isso aconteça.

Votado que foi o novo orçamento de Estado para 2021, quais são os grandes desafios e políticas para o próximo ano? O que pode contar a cultura para o orçamento do próximo ano?

Vamos por módulos. O orçamento artes, a direcção geral das

artes, os programas artísticos, há uma dimensão de apoio à arte, as artes, que é uma dimensão muito relevante, onde está o novo ciclo de apoio estatal às artes, onde está a regulamentação e apoio a rede de teatros e cineteatros, onde está a rede de arte contemporânea, também como elemento fundamental, há um conjunto de projetos no orçamento de estado de 2021, que já vem naturalmente do programa do Governo, e que estão inscritos com uma dotação financeira para a sua concretização e materialização. Depois, existe uma dimensão do património cultural da qual já falamos, e aqui referi a parte do mecenato, há um plano estruturado para a reabilitação e talvez haja uma outra medida que posso referir que é lotaria para o património cultural. A lotaria do património no fundo é uma raspadinha que foi um trabalho em conjunto com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, na área dos jogos sociais. É algo que existe em França, a nossa comunidade em França talvez conheça este projeto. No fundo aqui o objetivo é não apenas a diversificação financeira, porque o que se prevê é que este primeiro projeto de lotaria atinja o valor de 5 milhões de euros que será todo para a reabilitação de património como monumentos



nacionais e todo o património que os portugueses reconhecem como seu, mas também como objetivo de que as pessoas se liguem a esta causa e comprem algo que tem uma imagem que lhes diga algo. Estamos não só a reabilitar, mas também a diversificar fundos de financiamento, embora o financiamento público tenha de continuar a existir.

Deseja fazer uma saudação especial aos milhares de portugueses que vão ter o gosto de ler a sua entrevista e que mensagem deixaria hoje aos portugueses que vivem em território nacional e às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo?

Penso que estes tempos são absolutamente extraordinários. Acho que a comunidade portuguesa no mundo tem e pode ter um papel, como nunca antes, naquilo que é a promoção da língua, da cultura do que somos, daquilo que queremos ser. O maior investimento que podemos imaginar na cultural é perceber que se a democracia é um bem essencial, a cultura é essencial para manter a democracia.

E este é o momento ideal para cada um de nós fazer uma pequena parte e lendo um autor português, dando a conhecer um autor português a alguém que vive no seu bairro ou na sua comunidade, falar sobre um músico português, falar sobre uma peça de teatro, é a melhor forma que temos, neste momento todos como comunidade, de participar culturalmente. Nunca esquecer que é muito importante para os leitores que estão fora de Portugal, ouvir música portuguesa, saber que um determinado autor português editou um livro que está a ser traduzido na língua do país onde vive e que pode ler e oferecer ao seu vizinho, tudo isto é fundamental. Este é o papel que todos nós e a comunidade devem ter nos próximos meses e nos próximos anos. Esta é uma questão económica, mas também é algo que queremos sobre a forma como pretendemos que a cultura se propague. De resto, os lusodescendentes - não apenas da primeira geração - têm um papel de embaixadores da cultura portuguesa, uma vez que estão mais afastados da nossa cultura e têm uma maior proximidade com os países e comunidades de acolhimento.



MIGRAÇÕES

No segundo milénio Reflexões da 3^a década do século XXI

Chega o mês de janeiro e com ele o início do ano de 2021.

As alterações impostas pela pandemia de 2020 foram particularmente impactantes no campo da livre-circulação de pessoas e, consequentemente, no campo das migrações. Embora não tendo estagnado completamente, mesmo durante o período do Estado de Emergência, houve um abrandamento generalizado e tal como em inúmeros outros setores de atividade, novas medidas tiveram de ser adotadas e adaptações tiveram de ser feitas aos procedimentos. Mas não nos adiantemos. Para percebermos o fluxo migratório atual e conseguirmos, com algum rigor, traçar uma previsão para o futuro pós-pandemia, revisi-

temos as tendências do séc. XX e analisemos o boom do séc. XXI.

A história das migrações em Portugal pode ser dividida em 4 principais períodos: o primeiro corresponde à década de 60, o segundo a 1970 e com particular intensidade após a Revolução de 1974, o terceiro situa-se entre os últimos anos da década de 80 e primeiros da de 90 e o quarto desenvolve-se pouco antes da viragem do século. As tendências migratórias destes quatro períodos foram-se alterando de uns para os outros, mostrando uma certa heterogeneidade tanto nas motivações que levaram as pessoas a escolherem o nosso país para estabelecerem raízes, passando pelos setores de atividade profissional em que

se inseriram, até às principais nacionalidades que vinham para Portugal. É ainda de salientar que, independentemente desta flutuação de fatores, desde a segunda metade do séc. XX o nosso país esteve sempre entre o TOP 20 dos países europeus.

Não obstante é possível vermos alguns padrões pelas estatísticas da imigração referentes às últimas décadas do século passado. Por exemplo, as três principais características destacadas pelos migrantes daqueles tempos, sobretudo a partir da década de 80, eram a segurança, o custo de vida baixo e uma relativa estabilidade social e política. O TOP 3 de nacionalidades que se estabeleciam em Portugal cidadãos vindos dos PALOP,

de alguns países da Ásia e do Leste da Europa. Não obstante, a legislação em vigor naquela altura, e os procedimentos burocráticos estavam ainda demasiado complexos, tendo dificultado o processo de legalização de muitas famílias que, mesmo tendo condições e vontade de estarem plenamente regularizados no nosso país, acabavam por permanecer em situação irregular por um longo período. Atendendo a estes dados podemos sentir-nos com a inclinação de achar que pouco mudou nesta realidade migratória, no séc. XXI. Contudo, como iremos ver em seguida, houve algumas alterações, muitas delas a nível do Direito dos Estrangeiros, sobretudo no decorrer da última década, com a criação de novas legislações para a emissão de vistos e atribuição de títulos de residência para profissionais altamente qualificados. De um modo geral, pode afirmar-se que com a chegada do novo século deu-se um boom da imigração na Europa, sendo que Portugal merece um particular destaque, tendo crescido de forma exponencial e contínua até ao ano passado. No caso concreto do nosso país, com especial enfoque para 2017, 2018 e 2019, podemos falar de números históricos a nível do fluxo migratório. Segundo dados do Instituto

Nacional de Estatísticas, no final do ano passado o total de cidadãos estrangeiros com Autorização de Residência em Portugal era de 588.976.

Ademais, é também de considerar ainda o facto de sermos o país de eleição para milhares de aposentados oriundos, especialmente dos Estados Unidos da América, do Reino Unido e também do Brasil. A qualidade do sistema de saúde, o clima, a gastronomia, o custo de vida acessível, comparativamente com outros países da Europa, e a facilidade em viajar pelos restantes países do continente europeu são os principais fatores indicados por estes cidadãos que optam por passar os seus anos de glória neste “jardim da Europa à beira-mar plantado”.

Mesmo ao longo de 2020, com todas as limitações impostas pela pandemia na circulação de pessoas e bens, a Ei! continuou a ter um elevado número de pedidos tendo um crescimento exponencial após o alívio das medidas de confinamento, dando-nos a entender que as pessoas mantêm a sua confiança em Portugal e nos nossos serviços.

Tanto as empresas portuguesas que continuam a recrutar talentos além-fronteiras, como os clientes particulares que pretendem montar os seus negócios no nosso país ou passar os

seus tempos de reforma aqui, vêm até nós confiando-nos os seus futuros. Surgiu também um novo tipo de imigração: aqueles que podem trabalhar 100% remotamente e, por isso, podem escolher livremente o país onde pretendem fixar residência. Com a incerteza trazida por este vírus pandémico, torna-se desafiante fazer previsões concretas a respeito do futuro desta terceira década do novo século, porém o tamanho da procura que temos assistido por parte dos cidadãos estrangeiros, seja para passarem férias, seja para se tornarem residentes plenos em Portugal, dá-nos uma perspetiva de que a confiança no nosso país permanece inalterada, e que continuamos a estar nos corações das pessoas. Com a total convicção em como iremos ultrapassar os desafios gerados por este período de instabilidade, provocado pela Covid-19, penso ser seguro afirmar que no decorrer desta década, Portugal continuará a crescer num clima de imigração sustentável, atraindo talentos e fontes de rendimento que nos ajudaram não só a sair da crise, como a ficar numa posição de destaque no quadro Europeu. E a Ei! continuará aqui para todos aqueles que têm o sonho de se estabelecer no nosso país.

Juntos iremos longe!



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória

CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Brexit



Em Fevereiro de 2016, Boris Johnson famosamente escreveu dois artigos. Um, onde anuncia o seu apoio à manutenção do Reino Unido na União Europeia, e outro, onde, pelo contrário, defendia a saída do bloco Europeu em que o país tinha permanecido por mais de 40 anos.

Depois de meses a calcular qual das opções melhor serviria as suas ambições políticas, Boris Johnson decidiu-se pelo segundo artigo e resolveu associar-se a Nigel Farage para fazer campanha pelo Brexit. Hoje, Boris Johnson está novamente perante uma decisão política entre os seus interesses políticos ou pessoais e o interesse do Reino Unido como um todo. A escolha é simples: Há, ou não, acordo que regule a relação futura entre o Reino Unido e a União Europeia?

Preferirá Boris Johnson assumir os custos de um acordo irremediavelmente limitado, mas com inevitável e profunda disruptão na sociedade e economia, ou escolherá ele chegar a janeiro sem qualquer acordo, desviando a culpabilidade decorrente das óbvias consequências para a inflexibilidade da União Europeia?

Veremos, a breve trecho, qual será a escolha desta vez mas, como na primeira, suspeito que irá preferir não assumir quaisquer riscos ou responsabilidades pelo que aí vem - e investir, de forma resoluta, na narrativa de que as consequências para o dia-a-dia dos que vivem nestas ilhas resultam do desejo da pérfida União Europeia em castigar os Britânicos pela temeridade que tiveram em querer re-ganhar a sua soberania e deixar de ser uma colónia dos Europeus.

Este é um cenário que me preocupa sobremaneira. Seja qual for o desfecho das negociações, as repercussões para a sociedade e economia Britânicas serão inevitáveis e, para muitos, ruinosas. Em conjunto com o impacto desastroso que a pandemia nos trouxe, o adicionar dos efeitos do Brexit com uma tentativa deliberada de culpabilizar 'Bruxelas', poderá criar um ambiente absolutamente tóxico para aqueles que corporizam a União Europeia no Reino Unido, especialmente na Inglaterra: nós, os cidadãos comunitários. Do referendo em 2016 resultou um aumento extremamente significativo nos chamados crimes de ódio. Perante um aumento do desemprego e outras consequências a nível social e económico, é vital que as autoridades Portuguesas no Reino Unido estejam atentas e prontas a atuar na sequência de reações nefastas por parte da sociedade Britânica para com os cidadãos Portugueses que cá residem. É igualmente importante que a rede consular no Reino Unido passe a ser capaz de responder às verdadeiras e inegáveis necessidades das comunidades Portuguesas cá radicadas. Tal terá forçosamente que passar por reformular a própria rede, com a criação de estruturas consulares permanentes em Gales, na Escócia e também na própria Irlanda do Norte, por forma a aumentar e descentralizar a capacidade de resposta da mesma.

É imperioso que se acelere fortemente a desmaterialização de processos e a modernização administrativa de uma forma que não se esqueça dos Portugueses que residem no Estrangeiro. O próprio Reino Unido, aliás, deveria ser definido como país prioritário no lançamento e testagem de inovações que permitam aliviar a pressão que se abate sobre a rede consular.

Portugal deveria também preconizar a adoção, a nível Europeu, de um programa abrangente que apoie a relocalização de cidadãos comunitários que desejem deixar o Reino Unido - uma espécie de Programa Regressar, mas a nível comunitário. Acima de tudo, é importante agir - e depressa. Haja ou não acordo, o Reino Unido, económica ou socialmente, irá passar por momentos extremamente complicados e desafiantes nos próximos meses e anos.

Boris Johnson irá, novamente, escrever 'dois artigos' nos próximos dias. É vital não abandonar as comunidades Portuguesas às consequências do egoísmo de um cálculo político, que a (quase) todos irá sair muito caro - e por bastante tempo. A ver vamos se o Estado Português consegue demonstrar a capacidade e vontade política para responder de forma consentânea e à altura da dignidade dos muitos Portugueses que cá vivem. A palavra, agora, a Lisboa.



Sérgio Tavares
Conselheiro das Comunidades Portuguesas

ARTES E ARTISTAS LUSOS

Samantha Neves





Quais são suas primeiras lembranças enquanto cantora?

As minhas primeiras lembranças e recordações da música são aquando da minha participação num dos maiores palcos na minha área de residência em Gatineau, eram os meus primeiros grandes espetáculos. Eu era muito jovem e ganhei vários concursos e competições na minha região e em Montreal. As lembranças que ainda estão muito precisas na minha cabeça são quando cantei no festival dos balões (montgolfière), para mais de 5000 pessoas.

Existe um momento específico na sua vida que a fez decidir que cantar é o que você queria mesmo fazer?

Quando fiz meu o meu primeiro espetáculo, percebi claramente que era isto que eu queria, que era este trabalho que eu queria fazer na minha vida. Como? Eu não sabia, mas uma coisa eu tinha a certeza, é que eu me sentia muito bem em palco. Tive a sorte de ter uns pais que acreditaram em mim e me deram a possibilidade de poder melhorar a cada momento, de poder evoluir. Ainda hoje não tenho quaisquer dúvidas deste caminho que decidi trilhar, bem pelo contrário, tenho cada vez mais desafios pessoais.

Estudou música? Quais são seus estudos e que escolas frequentou?

Não estudei música na escola. Mas, tive e continuo a ter aulas de canto desde os meus 9 anos de idade. Tinha começado a ter aulas numa em Gatineau e depois comecei a ter aulas particulares de canto com a minha professora Michèle Tremblay, que ainda hoje me dá aulas de canto, mas a um nível mais técnico.

O *The Voice* foi um grande trampolim para sua carreira de cantora? Como foi essa experiência?

Sem dúvida, “The Voice” é uma experiência para a vida. É uma grande bagagem que carrego comigo para o resto da minha vida. Aprendi sobre mim mesma e também, cresci e evolui como pessoa, criando confiança em mim mesma. Realmente, considero ter tido imensa sorte de trabalhar com grandes profissionais. Eu tive também a sorte de fazer uma tournée durante o meu verão de 2019 no Quebec, uma fantástica experiência que adiciono à minha bagagem.



O compositor francês Frédéric Baron; que escreveu para Céline Dion, Marc Dupré, Eros Ramazzotti e muitos mais, escreveu o seu primeiro single lançado “Failles”. Como surgiu essa parceria?

Frédérique Baron foi o meu encontro milagroso após a descoberta da minha voz. Tive a sorte de ter um encontro com ele para escrever minha primeira música. Eu perguntava-me como íamos fazer para conseguir lançar uma das minhas músicas. Mas o Frederick deu-me as ferramentas, a sua experiência e os conhecimentos necessários no ramo para conseguir lançar um single à altura. Ele conhecia

gente do ramo da música, para conseguir fazer a realização da música, tais como John Nathaniel e Mariane Cosette-Bacon. Tenho imensa sorte de ter tido o privilégio de trabalhar com pessoas deveras tão talentosas.

Em que outras colaborações está a trabalhar para o seu próximo álbum? Já tem um título para o álbum ou vai ficar com o seu nome Samantha Neves?

As próximas colaborações serão com Amay Laoni e Etienne Chagnon, Alexandre Désilet e Jean-François Beaudet. Ainda não temos um título para o ál-

bum, mas obviamente, penso muito nisso. Evidentemente que vou ficar com o meu nome artístico - Samantha Nieves, pois, esse nome define-me muito bem.

Relativamente às suas raízes familiares, a sua mãe é canadiana e o seu pai português, mais concretamente dos Açores, não é verdade? Já esteve alguma vez em Portugal?

Sim, o meu pai é português, da Graciosa, uma pequena ilha no meio do Oceano Atlântico, parte do arquipélago português dos Açores e a minha mãe do Quebec - Canadá. Sou uma sortuda por ter culturas e valores diferentes uns dos outros. Nunca fui a Portugal mas, está no baú dos meus maiores sonhos, poder um dia ir a Portugal. Aliás, não tenho a menor dúvida, que um dia irei viver alguns meses em Portugal.

Sabia que existem comunidades portuguesas em todo o Canadá, incluindo uma Embaixada de Portugal em Ottawa e uma grande comunidade em Montreal? Já participou de algum evento cultural, tradicional ou religioso do património português no Canadá?

Não conheço todas as comunidades portuguesas que existem no Canadá, mas sei que existem em todo o país. A minha família e eu vamos com frequência às festas de ano

novo ou às festas portuguesas que se realizam algumas vezes por ano, aqui na minha área de residência em Gatineau. Existem também centros de portugueses em Ottawa e Gatineau e naturalmente, a Embaixada de Portugal em Ottawa. E portanto, tenho uma ligação bastante estreita com a comunidade portuguesa, inclusivamente, fiz a minha primeira comunhão e confirmação na Igreja portuguesa. Muitos dos meus valores começaram a florescer nesta mesma igreja.

Qual é o seu sonho?

O meu maior sonho seria conseguir viver da minha música. E quem sabe também, aprender a falar português.

Que mensagem gostaria de transmitir aos artistas em geral, principalmente neste momento de pandemia que o mundo está a viver?

Quero inspirar de várias maneiras! Que as pessoas e os artistas em particular se sintam bem com eles próprios e acreditem nos seus sonhos, se amem e tenham orgulho das suas realizações pessoais. Eu nunca deixei de acreditar nos meus sonhos e quero inspirar as pessoas nesse sentido, que tudo é possível e que um dia pode chegar a nossa vez de viver a nossa maior paixão.



Terry Costa
Presidente do Conselho Cultural da AILD

| TRADIÇÕES LUSAS

Comeres de inverno Botelos e as sorças de adobar carnes



Depois do chorincar do reco acomodam-se as carnes.

La çuça, dito e escrito deste jeito por Terras de Miranda, a surça ou sorça, que de um modo ou de outro assim se deitam às falas da minha terra, Torre de Moncorvo, e assim se vai escrevendo por lá, tal como em seu redor e por outras bandas já mais apartadas, é o [nossa] molho indispensável ao temperar daquelas chichas de amanhar os enchidos de botar ao vareiro. É uma espécie de poção mágica. Tal molho pode ser de meia ou de pura vinha-d'alhos, ou apenas de água-d'alhos como de costume se ajeita em grande parte do

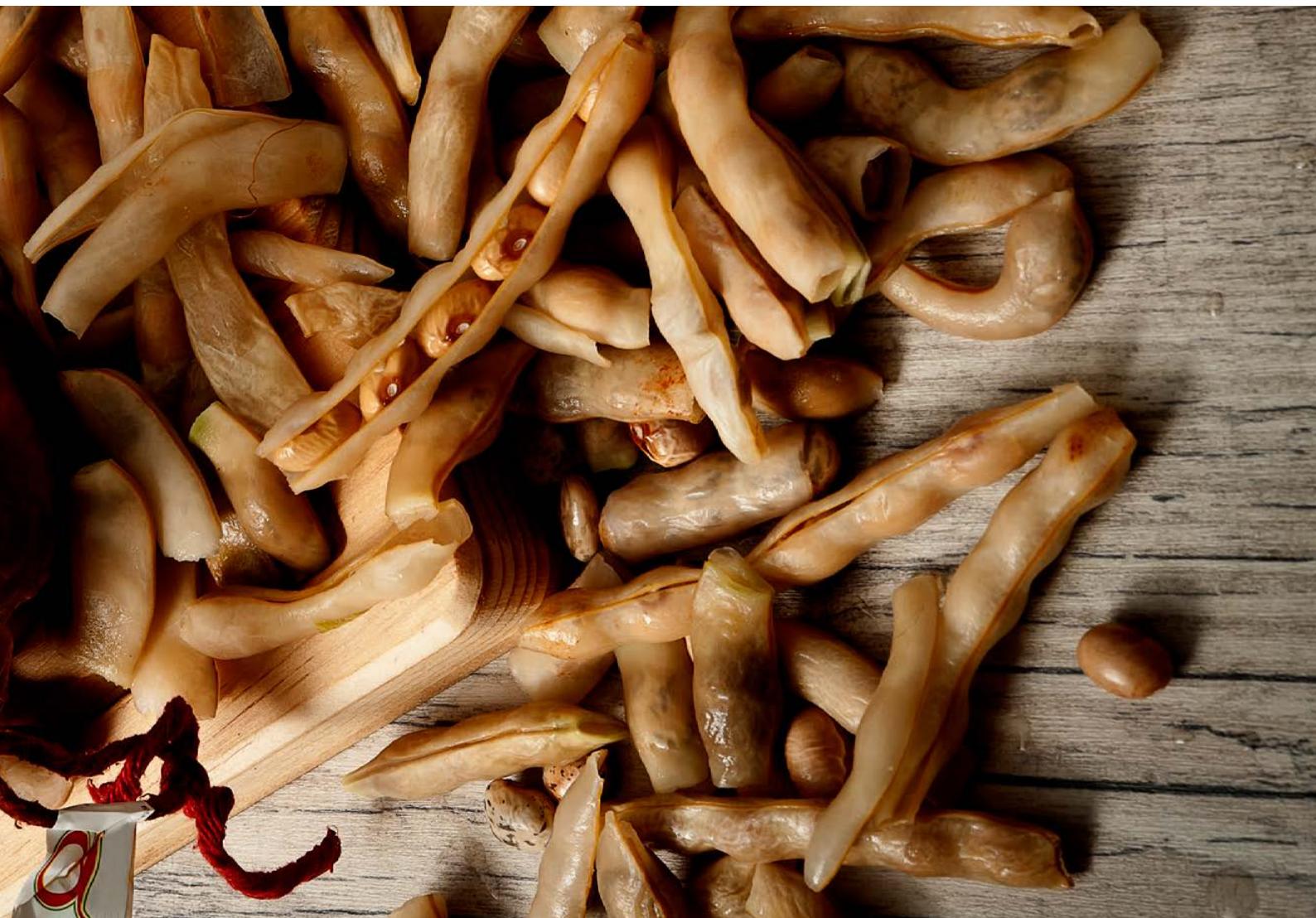
Praino Mirandés. É, em boa obrigação, um *adobo* de base preparado em vinho, só em água ou à mistura deles, preferencialmente com vinhaça da branca, alhos e mais alhos

colorau doce e/ou picante e um ajuste de sal.

Pode ser acertado no remate com erveiras aromáticas, condimentares, até com bulhacos de nebro, com frutos cítricos, especiarias e um cachico de vinagre de vinho tinto.

[...] “Este picado é posto em suça, como lá dizem, que é o mesmo que *adubo* ou um tempero feito com água, sal e alhos. Alguma gente ainda usa

temperar com vinho, ao que chamam *vinha de alhos*, mas hoje esse tempero é pouco usado, e quase geral só o uso da suça.” Foi mestre do conto rústico, Trindade Coelho, quem o escreveu a propósito da confecção das linguíças da sua terra, Mogadouro, na revista mensal de etnografia portuguesa ilustrada *A Tradição*. Também nos explicou (entre Março de 1900 a Abril de 1901) “cada um, (dos enchidos), para se saber como é que são feitos”. E contou-nos, em *Gente da minha terra* (1967), o mirandense Nuno Nozelos, “se Cristo por aqui passasse, era lombo de porco em *adobo* que se lhe oferecia”.





O primórdio das palavras. A poetisa santiaguesa, Rosalía de Castro, em 1863, no canto à [sua] Galiza rural, os *Cantares Gallegos*, fala-nos pela pena, cantando louros ao povo de Breogán e à língua *gallaica*, de uma surça [sorsa] para ajeitar febras de porco certamente a seu gosto e muito provavelmente à moda dos raxoeiros da Terra Nai. Por sua vez, agora numa interpretação de agrónomo mais preocupado em excomungar dietas apátridas que transportam o acto de comer para a brutidão do automatismo do que no enredo destas causas do palavreado, direi que o professor argentino a ensinar «português da Galiza» em Buenos Aires, o filólogo Higino Martins Esteves, situa a sua origem entre o fim do séc. XVIII e meados do séc. XIX (com a escrita de Rosalía?) ou, talvez, naqueles anos de convivência entre galegos e britanos no decurso das guerras napoleónicas, tomada [SORÇA] por empréstimo do inglês *sauce* (sôs) [sors], [do fr. *sauce*; < lat. *salsa*], através de uma aselhice fonética e de caprichos semânticos bem aligeirados.

A cantada e a argumentação são suficientemente sedutoras

e o chamariz é irrecusável! Também o lexicógrafo Cândido de Figueiredo do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, o filólogo de *Ribeira de Piquín*, Aníbal Otero Álvarez, o linguista Constantino García do programa televisivo *Cousas da língua*, a professora M^a do Carmo Salido in *Léxico de O Grove* (...) ou o escritor A.M. Pires Cabral na [sua] *Língua Charra*, entre outros, a registam com semelhantes predicados, descrevem-na com mais ou menos adereços, ou sentenciam-lhe outras progenituras. Não com este sentido aqui atribuído — elixir de imortalizar a estafa das carnes — nem a sinalizar a identidade valdostana daquele guisote batateiro e de legumes avinhados que alguns dos restaurantes de tradições locais oferecem pelo Valle d'Aosta [sorça con polenta ...] muito menos a valer uma valente piela para alguém menos habituado à raça destes enfeitiçares [“Agarrou uma sorça de meter medo ao diabo!”], a [nossa] palavra *çorça* (ou *sorça*), em deriva greco-latina *soracum*, já aparece citada no decorrer dos séculos XV/XVI — nas ‘trovas



(caricaturistas) que Afonso Valente fez em Tomar a Garcia de Resende, sem lhas mandar', integradas na compilação organizada pelo próprio Garcia de Resende, o *Cancioneiro Geral* (1516), também nos cadernos culinários da neta de D. Manuel I, o *Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*, na odepórica *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (...) ou nos vislumbres das *Lendas da Índia* de Gaspar Correa — sempre com os mesmos melindres e o mesmo significado, de capoeira ou de termo próximo para o engaiolar de aves, feita de vimes entretecidos. Nunca a valer as honras de preparar as carnes para os génios do nosso fumeiro. Confuso! Hoje já ninguém tranca galináceos naquelas çorças, sorças...

Pondo de lado canhenos que só me aportariam enfados, e distrações.

Quanto à origem de outros étimos apalavrados ainda mais reinante é tal barafunda. Talvez o seja porque pouco me entenda nestas demandas. É, a bem dizer, aquela arte, tal ciência, que firma argumentações contestatárias mas, para desentendidos como eu, muito atrapalha

consequentes insinuações. Assim [...] «Molho», deles, o mais modesto nestes alcances

parece que provém do latim vulgar *molliare* que, no séc. XIII, aparece em 'mollar' e no séc. XIV já como molhar. Molhar e molho relacionam-se etimologicamente e morfologicamente. É simples! Sobre a palavra «adubo», ou qualquer outra forma próxima [adobo, adobe...], é a obscuridade etimológica. O chinfrim dos filólogos! Uns dizem, afirmando, que vem do frâncico *dubban* (*dobba*), que significaria 'armar um soldado para a guerra', evoluindo para 'preparar alguém, deixar apto, adequado', que é o que se faz ao solo quando se prepara para promover o crescimento das plantas. Entre outros, alguns diligentes curiosos fazem-nos este curioso percurso arabizado: *al+tobo* > *attobo* > *addobo* > *adobo* > *adubo*, em que *attobo* significa 'especiarias'. E grande parte da nossa lexicografia histórica já atribuía ao vocábulo "adubo" dois significados distintos: (i) um produto que serve de fertilizante (ii) o tempero ou a iguaria que se mistura à comida para lhe dar um sabor especial. Mas será que temperar a terra não é o



mesmo que fertilizar a comida? Coisas de poetas ou causas de filólogos? Nesta perspectiva é normal a curiosidade de qualquer falante do português e/ou mirandês em saber se tal palavra, com imaginados significados tão distintos, tem ou não a mesma origem etimológica (?), ou é um falso cognato? E sabe-se lá porquê, mas, para molhar os temperos, ajeitar as carnes pró enchimento, ‘sorçá-las’, ‘adubá-las’, por aqui [ainda!] não se chegou a moda do afrancesado *mariner*, ou do *marinare* italiano, nem ficou do latim a (*aqua*) *marina*, nem se habituaram às ‘marinadas’ citadinas de adopção estrangeirada. Ficou, isso sim, na alma Nordestina e no orgulho do Planalto, a sorça de água-d’alhos, la çurça d’auga d’alhos, em contraponto à tradicional sorça de vinha-d’alhos de toda a região alto-duriense.

Adobadas as carnes, venham os **BOTELOS**!

Pelo que [nos] dizem as palestras mais aferradas de alguns guias turísticos leoneses, e a sua materialização nos tão didácticos passeios culturais do historiador José António Balboa (de Paz), acerca dos [seus] “butyros”,

“botulus” ou “botillos” [IGP «Botillo del Bierzo»], julgo que as referências [escritas] mais antigas encontradas na península ibérica (ou dos alfarrábios do meu conhecimento) datam do séc. XI/XII, relativas a uma obrigação de entregar “botellus” ao poderoso Mosteiro de San Pedro de Montes pelos dignatários dos seus termos - modo de doação extensiva, posteriormente, ao beneditino Mosteiro de Carracedo. Talvez o seja! Aceito com naturalidade esta deferente especulação. Também não estão assim tão longe das Terras Transmontanas. E, por estes tempos de reconquistas e de retomas charcuteiras, vivíamos a mando dos mesmos senhores ou, mais tarde, em vivência cultural herdada. Por isso, ainda lhe confio a vaidade da frase: “la historia del Bierzo es la historia del botillo.”

Resultado do que anotei das muitas *botilladas*

tenho por mim que a primeira descrição conhecida no «meio gastronómico espanhol» se deve ao escritor astorgano, que cedo (re) xurdiu pela cultura galega, Antonio Fernández y Morales, no livro *Ensayos poéticos*

en dialecto berciano publicado em 1861, onde o definiu como “tripa ancha y corta llena de huesos y carne de cerdo adobados con mucho pimiento, que hacen para las matanzas”. Mais tarde, em 1929, é o jornalista gaditano Dionisio Pérez Gutiérrez, no *Guía del buen comer español* – laborioso retrato da Espanha gastronómica – que o define como “un embutido de carne y huesos de cerdo no muy mondados”, elevando-o a um “manjar tan apetitoso que ciega y no cansa”. Já o coruñés Verardo García Rey, in *Vocabulario del Bierzo* (obra publicada a título póstumo, em 1934) caracteriza-o como um “chorizo gordo, lleno de carne picada y adobada con mucho pimiento picante o dulce, en el cual entran algunos huesos picados, y que se hace en todo el Bierzo en la época de la matanza”. E por aí adiante. São testemunhos bem emparelhados com a demonstração etimológica proporcionada pelo icónico texto de Amadeu Ferreira, “*Bulhos, botielhos i botelos*” [in www.diariodetrasosmontes.com (09/01/2005)]

No entanto, nestes folheados [tão] livreiros

e em tantas peregrinas conversas não fiquei a conhecer bibliografia sugerida que não [me] remettese os ditos “botellus” para os carniceiros romanos vendedores de carne de porco ou para as extravagâncias gastronómicas de *Apicius* transpostas em *De Re Conquinaria*. Os modos de confecção eram muito próximos, naturalmente sem a adição do colorau. Outros leoneses também apostam na lendária ressurreição através das paixões monásticas pela arte de bem comer. Hipótese sempre a considerar e de meditação a bem imitar. Quanto à humildade do recheio, por lá e por cá, tem perdurado ao longo do tempo com as adaptações de ajuste à arte da sobrevivência, às circunstâncias do desenrasque e às ganas das [nossas] chouriceiras.

Então, qual será a origem desta apetitosa palavra

que os dicionários dizem que é obscura? Para mim é suficiente a proposta de Corominas&Pascual que aponta para o latim “*botellus*”, que quer dizer intestino

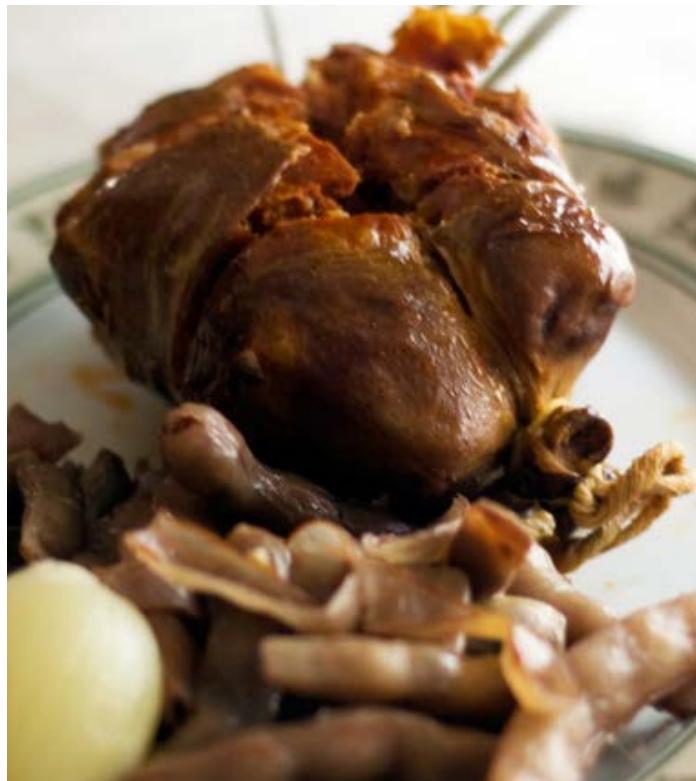
(DCECH, botiellu), acrescentando que a mesma origem tiveram outras formas como *budiello* (ragonês), *budell* (catalão), *budello* (occitano) e *boyau* (francês). Ou seja, a palavra começou por querer dizer tripa gorda e acabou por significar o que se mete na dita tripa – o enchido, o fumado.

Sem qualquer convicção de quem tenha sabedoria para estes artifícios da história das palavras, anoto este aporte (...) Sendo ***botelo** (e não **butelo**) a palavra que à larga maioria dos estudiosos parece ser a mais adequada, ou mesmo a mais correcta e mais agradecida aos seus reais progenitores, para nos referirmos a este enchido d'ossos e de borralheira, o «boto» – termo proveniente do germânico *bauth* [obtuso, descomposto...], significar odre para líquidos feito da pele de certos animais, objecto grande, deformado, torto, pessoa gorda e bem anafada, e o sufixo *-elo* muito produtivo a fazer palavras na primeira fase da Reconquista e no noroeste peninsular – porque não, tal como diziam (ou ainda dirão?) por Tourém, Padornelos (...) por terras de Couto Misto, chamar-lhe “boto” ou “chouriço (do) boto”?

E que dizer do **bulho** de Trindade Coelho? Apenas um sinónimo perfeito? Ou uma influência galega? [Não] Também se refere ao estômago do animal, sendo, isso sim, sinónimo de *bandulho* (palavra portuguesa, mirandesa, galega, leonesa e castelhana). Quanto à sua origem, por agora, talvez não valha a pena ir mais longe — embora Corominas diga que bandulho provem do árabe “*batn*” (ventre).

Produto de identidade territorial, de facto.

Embora existam citações escritas que registam esta tipologia de enchidos, dispersas e desarrumadas gastronomicamente, incluindo os seus modos de confecção, conservação e consumo, coevas às do *botillo*



berciano, seja do filólogo Aniceto dos Reis Gonçalves Viana (1888/1889) ao prior de Argozelo, José Manuel Miranda Lopes (1933), ou do etnólogo António Jorge Dias (1953), que anotou a «fiêsta dos butiêlos» como refeição obrigatória no Entroito de Rio de Onor, foi com a matriarca das feiras de fumeiro

a Feira do Fumeiro de Vinhais já a decorrer desde 1981

que estes “chouriços d’ossos” [«e de alguma chicha»], em prato *obrigatório* nos Domingos Gordos, saíram do aconchego das tradições familiares e das saudades da diáspora para a comercialização generalizada. Além de consumidos (cozidos) nesses (e outros) dias de libertação do vício e de conexão com as alegrias da cultura gastronómica, por todo o Nordeste Transmontano, independentemente das nomeadas que lhe foram atribuindo ao longo dos anos e de terra em terra, são produtos de acompanhamento basilar à causa das «cascas» (as casulas, a palhada ou palhoça, as vasas...) ou integrados nos lendários “cozidos regionais” daquele período. *Botelo com cascas* é capaz de ser a denominação mais vulgarizada para este comerote de arrebenta-bois! São dois produtos indissociáveis.

Como se fosse para um almoço de quatro a seis comedores sob a forma de *cozido mirandês* [...] De

véspera coloque um pouco menos de meio quilo de cascas de molho em água fria. No (próprio) dia, a meio da manhã, leve o dito a cozer durante cerca de duas horas. (Convém ir verificando com um garfo a partir da hora). A chouriça de carne pode cozer em conjunto com o botelo, mas em tempo bem menor. Noutra panela cozem-se as cascas, coisa que dura mais ou menos uma hora, quando a sua cozedura passar de meio podemos juntar duas batatas por pessoa (Cozê-las à parte, talvez seja melhor!). Quase no final do apronto das cascas, controlando a cozedura através dos feijões que se soltam, junta-se-lhe o boto e as outras carnes (chispe, orelheira, pernil, entrecosto ... presunto), que têm tempos de cozedura diferentes e temperos apropriados (...) Servir o botelo partido à mão em pedaços sobre as cascas bem escorridas e regado com bastante azeite.

Até a água da cozedura *daqueles dois* serve para amanhar uma boa arrozada, um caldo tão saibinho ou uma sopa com batatas e pão de atraso!

Sistematizando, num possível arrumo agro-alimentar — a actual IGP “butelo de Vinhais” [desde 20080728], o botelo mirandês (“bulho”, “botielho” ou, raramente,

“bucho” [Planalto Mirandês] e o “palaio d’ossos”, “chouriço d’ossos” ou “salpicão d’ossos” [Vale do Douro], a integrar numa putativa família de «enchidos de carnes, ossos, gorduras, vísceras e/ou sangue» — são, então, fumados de formato e dimensões variáveis, cor vermelho-alaranjada, obtidos a partir de carnes, gorduras, ossos e cartilagens, provenientes das partes da costela e coluna vertebral do porco, cheios em estômago (bucho, bulho, paloio, boto, gaiteiro, bandulho, pastor...), bexiga (palaia, palagaio, pigureiro...) ou tripa do intestino grosso (botelo ou butelo, paio, palaio, butelgo ou botelgo, androla, *andoia...*). As carnes e ‘ossadas’ são adobadas com sal, pimentão-doce e/ou picante, alhos, folhas de louro, ervas aromáticas e/ou condimentares, vinho tinto e/ou água — surçam-se em vinha-d’alhos [Terra Fria Transmontana], apenas em água-d’alhos [Planalto Mirandês], ou ficam pelo meio-termo [Vale do Douro]. Aquelas diferentes denominações indicam particularidades locais (e familiares), muito a condizer com a disponibilidade dos territórios

e o comportamento dos costumes. Respeitam a simplicidade das opções. Tanto se recheiam só com as pontas das costelas como se enriquecem com a carne da caluga, troços de rabo e ossinhos da suã. Enfim! São enchidos discretos no saber, modestos na confecção, reservados no consumo e louvados no sabor.

Por último — uma das muitas receitas de **botelos**

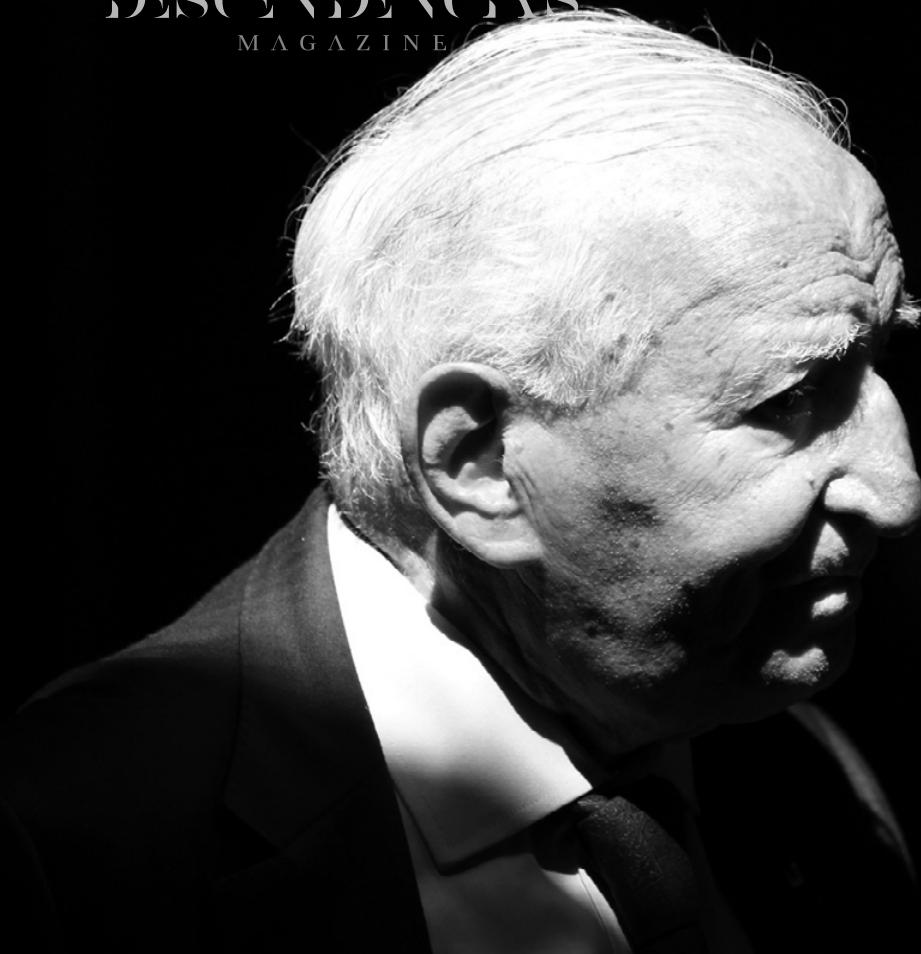
«(...) Há que partir as costelas do porco em pedaços pequenos, e colocá-los num alguidar de barro preto (O alguidar é de comprar na feira de Chaves ao Silva ou ao Ferreira de Vilar de Nantes, são deles os menos quebradiços). Temperar depois com sal solto, alhos esmagados e folhas de louro. Tudo a gosto. Mistura-se vinho tinto (o melhor é capaz de ser do *bastardo* que ficou do ano passado) em boa quantidade, e até cobrir as costelas partidas. Deixar na adoba dois a três dias, não mais, mexendo-as diariamente. No momento de preparar o enchido deve começar por retirar-se o excesso de vinho, ou separar para outro alguidar os pedaços das costelas, tanto dá, juntar depois à adoba uma

cebola picada, e temperar com colorau (pimentão doce). Meter este preparado no estômago do porco (também se pode usar a bexiga ou o intestino grosso do porco). Os pedaços devem ficar bem acomodados, sem espaços vazios entre si. Apertar muito bem, de ajuda com um botelico e com fio grosso de algodão. Após três semanas de secagem (mais ou menos isso) está pronto para comer.» [do receituário da família de Clara de Jesus Baptista, Travancas/Roriz, Chaves, com *modo de fazer* reportado aos anos meados do século XIX.]

Para aquela família de origens flavienses (maternas) e vinhaenses (paternas), encher um botelo, dois, três, ou mais, consoante os porcos de matança, disponibilizá-los para a troca do bem receber com outros — familiares, amigos e agraciados — era a demonstração aos vindouros do domínio da arte herdada, a manifestação da segurança social conseguida, a convivialidade proposta de encurtar distâncias e relembrar feitos passados. Era a expressão do ritual ancestral e a celebração do adeus à carne das tradições cristãs. Pois, então, que assim seja!



António Manuel Monteiro
Engenheiro Agrónomo / Escritor



| DA LÍNGUA PORTUGUESA: CURIOSIDADES

Eduardo Lourenço

Um dos maiores pensadores e críticos da Pátria portuguesa, da sua cultura, identidade e destino.

Vida e percurso académico

Eduardo Lourenço nasceu a 23 de maio de 1923, na Guarda, cidade onde frequentou o Liceu, tendo vindo a terminar os seus estudos secundários no Colégio Militar, em Lisboa. Licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a 23 de julho de 1946. Casou com Annie Salomon em 1954. Em 1966, nasceu o seu filho adoptivo, Gil.

Foi Professor Assistente na Universidade de Coimbra, até 1953. Desde esse ano, até 1958, assumiu as funções de Leitor de Língua e Cultura Portuguesa nas Universidades de Hamburgo, Heidelberg e Montpellier. Entre 1958 e 1959, foi regente, como Professor Convidado, da disciplina de Filosofia na Universidade Federal da Baía, no Brasil. Posteriormente, passou a ser Leitor a cargo do Governo francês nas Universidades de Grenoble e de Nice. Em Nice, veio a desempenhar as funções de Maître-Assistant, até à sua jubilação no ano letivo de 1988-1989. Em 1988, assume-se diretor da revista *Finisterra - Revista de Reflexão e Crítica* e é nomeado Adido Cultural junto da Embaixada de Portugal em Roma. Foi, também, Doutor Honoris Causa pelas Universidades do Rio



«Todos os meus livros são de circunstância, ou antes, são-me impostos. De resto já só escrevo de empreitada: fulano vai fazer uma conferência a tal parte, é preciso que eu escreva, eu escrevo. Senão não escrevia nada. Nunca teria nenhum destes textos. Nunca me quis servir dos autores».

Eduardo Lourenço

de Janeiro, em 1995; Universidade de Coimbra em 1996; Universidade Nova de Lisboa, em 1998 e Universidade de Bolonha, em 2006. A partir de 2002, exerceu as funções de administrador não executivo da Fundação Calouste Gulbenkian.

Algumas Obras

.Heterodoxia I, 1949, Coimbra Editora
.O Desespero Humanista na Obra de Miguel Torga, 1955, Coimbra Editora
.Fernando Pessoa Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente, 1973, Editorial

Inova

.O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português, 1978, Publicações D. Quixote
.O Espelho Imaginário – Pintura, Anti-Pintura, Não-Pintura, 1981, Imprensa Nacional – Casa da Moeda
.Nós e a Europa ou as Duas Razões, 1988, Imprensa Nacional – Casa da Moeda
.O Lugar do Anjo – Ensaios Pessoanos, 2004, Gradiva
.Pequena meditação europeia. A propósito de Guimarães, 2011, Verbo-Babel



.Tempo da Música, Música do Tempo, 2012, Gradiva
.Estudos sobre Camões, (O.C. Vol. VI), 2019, Fundação Calouste Gulbenkian
.Pessoa revisitado: critica Pessoana I, (O. C. Vol IX) 2020, Fundação Calouste Gulbenkian

Prémios, distinções e condecorações

Para além de outros prémios, condecorações e distinções recebe o Prémio Casa da Imprensa, em 1974. Em 1981, é condecorado com a Ordem de Sant'Iago d'Espada. Em 1986, é distinguido com o Prémio Nacional da Crítica graças a Fernando, Rei da nossa Baviera e é também galardoado com o Prémio Europeu de Ensaio Charles Veillon, que distingue toda a sua obra. Em 1988, é condecorado com a Ordem do Infante D. Henrique, Grande Oficial. Recebe em 1995, o Prémio D. Dinis de Ensaio; recebe o prémio Chevalier de L'Ordre des Arts et des Lettres pelo Governo francês, em 2000; recebe o Prémio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora, em 2001; é agraciado com o prémio Cavaleiro da Legião de Honra, em 2002; recebe o Prémio da Latinidade, em 2003; é agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, em 2003; é-lhe atribuído o Prémio Extremadura a la Creación, em 2006; recebe a Medalha de Mérito Cultural pelo Governo português, em 2008 e a Encomienda de Numero de la Orden del Mérito Civil pelo Rei de Espanha, em 2009. Em 2011, recebe o Prémio Pessoa. Em 2013, foi distinguido com o Prémio Jacinto do Prado Coelho.

Extratos da homília, pelo Cardeal Tolentino Mendonça, na missa do funeral de Eduardo Lourenço.

Eduardo Lourenço faleceu, em Lisboa, no dia 1 de dezembro, de 2020.

No Mosteiro dos Jerónimos, na missa oficiada pelo cardeal patriarca, D. Manuel Clemente, e pelo Cardeal Tolentino Mendonça, bibliotecário da Santa Sé, foi ouvido na homília: «*O caixão de Eduardo Lourenço tem a forma de Portugal, do qual ele foi (e será para muitas gerações futuras) um explorador e um cartógrafo, um detetive e um psicanalista do destino, um sismógrafo e um decifrador de signos, uma antena crítica e um investigador generoso e iluminado. Depois dele, todos podemos dizer que nos entendemos melhor a nós próprios... A história do livro é, antes de tudo, a história do desejo humano de permanecer, de vencer a morte, de experimentar sobre a terra algo mais do que uma precária verdade destinada ao esquecimento. Voltamos sempre à mesma sede de transcendência, à mesma desabalada paixão de eternidade, ao mesmo dramático grito para que a existência humana não se consuma como mera passagem. Tornamos sempre, para recorrer a uma expressão de Lourenço, à “insepulta nostalgia de Deus”...».*

A Cultura portuguesa ficou mais pobre, mas enriquecida pelos livros que nos deixou.

Estratégia de Consultoria de Gestão e Inovação

Apoio à Internacionalização

Consultoria de Marketing

Certificação



SOMOS EXIGENTES E RIGOROSOS NOS PROCESSOS

MAS TAMBÉM NOS RESULTADOS

INFO@JGCONSULTING.PT

J G C O N S U L T I N G . P T

Receita de ano novo

*Para você ganhar belíssimo Ano Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo, remendado às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo
até no coração das coisas menos percebidas
(a começar pelo seu interior)
novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,
mas com ele se come, se passeia,
se ama, se comprehende, se trabalha,
você não precisa beber champanha ou qualquer outra biritá,
não precisa expedir nem receber mensagens
(planta recebe mensagens?
passa telegramas?)*

*Não precisa
fazer lista de boas intenções
para arquivá-las na gaveta.
Não precisa chorar arrependido
pelas besteiras consumadas
nem parvamente acreditar
que por decreto de esperança
a partir de janeiro as coisas mudem
e seja tudo claridade, recompensa,
justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
direitos respeitados, começando
pelo direito augusto de viver.*

*Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de merecê-lo,
tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil,
mas tente, experimente, consciente.
É dentro de você que o Ano Novo
cochila e espera desde sempre.*

Carlos Drummond de Andrade

Seleção de poemas Gilda Pereira



LUSO CRIANÇA

Dicas de bem estar

A importância do exercício físico diário

O exercício físico é um factor regulador muito importante no equilíbrio físico e mental. Ele traz bastantes benefícios ao nosso organismo, como um todo. Melhora a circulação sanguínea, cria músculos e ossos fortes, ajuda na perda de peso excessivo e faz acelerar os ritmos cardíaco e respiratório. Para além destas funções, ele também melhora as nossas capacidades cognitivas e de memória, diminui a ansiedade e faz aumentar o nosso auto-conceito. Além disso, um significativo número de médicos e um elevado número de estudos levados a cabo pela Universidade Havard, acreditam que o exercício físico também é preventivo de doenças como o alzheimer ou a depressão, traduzindo-se assim numa ferramenta eficaz, ao alcance de todos, para mantermos a nossa boa condição física,

mental e emocional. Para além de poderes praticar desportos coletivos com os teus amigos e colegas, sempre que possível podes caminhar pela natureza, acompanhado de familiares e animais de companhia; podes usar escadas em vez de elevadores; rodares o pescoço e articulações quando passas muito tempo no computador, respirando fundo, no sentido de relaxar e oxigenar o cérebro. O corpo humano foi feito para se movimentar e não ficar parado o dia todo, mesmo que não saias de casa. Podes acompanhar o teu exercício físico com música a teu gosto, tornando-se mais prazerosa a atividade que escolheres, ainda que seja apenas uma pequena caminhada de meia hora, em alguns dias da semana. Reserva um pouco do teu tempo para o exercício físico!



Madalena Pires de Lima
Diretora Adjunta

| COM LUPA: CÁ DENTRO

Chão do Rio Serra da Estrela



No início deste ano e deste inverno, fomos até à Serra da Estrela, pois Portugal, na sua heterogeneidade, também nos brinda com neve e respetivo turismo de qualidade nas terras altas. A Serra da Estrela é a serra mais alta de Portugal, cuja «Torre» é o seu ponto mais alto, com uma altitude de 1993 metros. Esta Serra da Estrela é uma zona de invulgar beleza paisagística cénica e apresenta desníveis montanhosos muito acentuados, onde podemos sentir intensamente o silêncio das alturas. A sua vegetação nada tem de monotonia, sendo muito variável. Nela abundam muitas espécies de aves. Nos caminhos que percorremos, sempre encontramos rebanhos de ovelhas guiados por cães da raça a que a Serra deu nome.

Saborear o Queijo da Serra, conhecido em todo o mundo, que assume uma textura amanteigada acompanhado na perfeição pelo pão tradicional. (Pode saboreá-lo em toda a

região, mas em Celorico da Beira, no Solar do Queijo, essa prova é acompanhada por explicações sobre o processo de fabrico); beber água de uma nascente; comprar meias e casacos de lã ou peças de design contemporâneo em burél; admirar os vales glaciares do Zêzere, Loriga e Unhais da Serra e explorar o Geopark Estrela (reconhecido pela UNESCO pelo seu valor geológico, descobrindo a Natureza) são alguns imperativos quando a visitamos. Também no verão, a montanha mais alta de Portugal continental é o cenário perfeito para uns dias descontraídos em contacto com a natureza. Aqui, podemos seguir o curso dos grandes rios portugueses desde as suas nascentes – o Mondego no Mondeguinho, o Zêzere no Covão de Ametade e o Alva no Vale do Rossim. No verão, poderá fazer a Rota das 25 lagoas, descobrindo espaços refrescantes. No inverno, a Serra da Estrela é o único local de Portugal continental



onde pode praticar ski na neve ou optar por andar de trenó, praticar snowboard ou motoski. Ainda pode contar com pistas de neve sintética para a prática de ski, em qualquer estação do ano. Tudo isto também nos inspira passeios a cavalo ou de bicicleta: existem cerca de 375 quilómetros de trilhos, com vários níveis de dificuldade.

As estradas mais populares para fazer a travessia da Serra ligam as cidades da Covilhã e Seia.

O CHÃO DO RIO - TURISMO DE ALDEIA

Esta pérola da Serra é uma quinta com oito hectares, envolta por árvores antigas, grandes maciços em granito, cogumelos e lindas flores raras, onde não falta o pastor com o seu rebanho, o som dos badalos inundando o prado.

Trata-se de um aglomerado de confortáveis casas em pedra e telhados de colmo, que se enquadra como um elemento natural, inserido harmoniosamente na natureza pura, circundando a piscina biológica de águas cristalinas, que, nos dias de estio, desafiam a um mergulho. Aqui, apenas se respira natureza e tempo para conversar com cenário inspirador para poetas e artistas.

Este harmonioso e inspirador conjunto de casas fica localizado na aldeia de Travancinha, a cerca de 12 km de Seia e Oliveira do Hospital, o Chão do Rio, sendo destacado por nós como central e ideal, no sentido de facilitar a visita de toda a Serra da Estrela nas diferentes estações do ano.

Quando chegamos somos presenteados com um belo e reconfortante pequeno-almoço composto por vários produtos, apresentado num grande cesto. Durante a estadia todos os dias, o pão é fresco e entregue às cinco da tar-



de. É-nos dada a possibilidade de confeccionar as próprias refeições no conforto da acomodação, mas encontram-se disponíveis comodidades partilhadas para churrascos e forno de lenha. Também poderá usufruir - a pedido prévio - de refeições, saborosamente cozinhadas num restaurante das proximidades.

No Chão do Rio também pode usufruir de um parque infantil, bicicletas gratuitas, uma pequena loja de recordações regionais, uma lareira de exterior e de uma horta tradicional. Os animais de estimação são bem-vindos e admitidos mediante pedido.

AS DIFERENTES CASAS

Na quinta Chão do Rio existem oito casas, beneficiando todas de uma área de estar com televisão de ecrã plano, um leitor de CD, uma kitchenette equipada, área de refeições, casa de banho privativa e uma varanda com terraço. Cada uma tem uma personalidade única, refletida no nome.

Loba - as cores e o ambiente deixam adivinhar os mistérios da noite, durante a qual a loba é uma personagem dos sonhos do pastor.

Churra - convida ao total relaxamento, ao dormitar no fim da tarde e à meditação sobre a nossa essência.



Cotovia - o ambiente é provençal. Almofadas e restantes tecidos são floridos e com pássaros, tal como em Provença. A Kitchenette é repleta de rendas nas suas prateleiras.

Comeada - situa-se na zona mais alta do terreno e fica ligeiramente distanciada de todas as outras casas. Noutros tempos, esta casa abrigava cabras, tendo-se transformado, hoje, numa muito confortável zona com aproximadamente 140m2.

Pastor - convida a um cedo despertar, onde logo pela manhã se avista a névoa local que emerge das águas do lago.

Ribeira - envolve-se de um ambiente muito fresco e jovial. Na sala, no andar de baixo, pode usufruir de um beliche. O quarto situa-se no andar de cima e é duplo. As cores que o pintam e decoram são muito alegres.

Fraga - reveste-se de natureza. Madeiras da região permitem a construção e restauro de móveis simples e confortáveis.

Urze - alberga grandes espaços, pensados na facilitada mobilidade e circulação daqueles que apresentam mobilidade reduzida.

Fraca e Urze - finalmente, estas duas casas, acima referenciadas, podem juntar-se, quando se recebem grupos ou famílias, com a abertura simples da parede que as separa.

Este agradável e vanguardista conjunto de casas situa-se no Chão do Rio, na Rua da Calçada Romana, Travancinha 6270-601 Portugal e pode ser realizada uma reserva pelo Telefone +351 919 523 269.

Aproveite sempre o melhor de Portugal, que lhe trazemos todos os meses.

| COM LUPA: LÁ FORA

Tailândia. À descoberta do oriente



Vivemos numa época conturbada onde a pandemia de certa forma condicionou as nossas vidas, propomos uma viagem virtual à descoberta da *Tailândia-Bangkok – Ayutthaya-Chiang Mai-Krabi*.

Bangkok é uma cidade denominada como deslumbrante e de vivências intensas, na qual predomina uma mescla entre o urbano e templos devidamente ornamentados. Esta cidade asiática, conhecida pelo trânsito intenso vibra a ritmo único, conseguindo conjugar o contemporâneo com o passado dos primórdios da cidade, que data do século XVIII. Localizada junto ao rio *Chao Phraya*, Bangkok ocupa uma região central no território tailandês.

Bangkok está localizada junto ao Rio *Chao Phraya*, na região central do denominado Golfo da Tailândia, tendo acesso pri-

vilegiado ao Camboja, Vietnam e Malásia. A principal porta de entrada é o aeroporto internacional de Bangkok, um dos maiores do sudeste asiático, sendo o local de partida e chegada de milhões de visitantes. O aeroporto secundário, *Don Muang* é especialmente utilizado para voos de ligação internos assim como traduz uma plataforma logística para a maioria das companhias *Low-Cost*. Imergir na cultura local é obrigatório. Recomendamos o uso da aplicação *Grab* que funciona de forma similar ao *Uber*, sendo de destacar as diversas possibilidades de pagamento com recurso a *Visa* ou Dinheiro “*Baht*”. Sendo o trânsito caótico, sugerimos também que visitem a cidade por zonas, privilegiando o acesso pedonal. Como mencionado um dos destaque desta cidade são os seus templos magnificamente ornamentados:

Wat Pho – Buda Reclinado

Localizado no coração de Bangkok junto ao Palácio Real surge o templo de *Wat Pho*, caracterizado por ser um dos templos mais antigos e famosos de Bangkok. Este templo está dotado de mais de uma centena de Budas respetivamente cobertos por folha de ouro, dos quais destacamos o Buda Reclinado com dimensões impressionantes: “46 metros”, ocupando a área central do respetivo templo.

Phra Borom Maha Ratcha Wang – Grande Palácio Real

O Grande Palácio de Bangkok é considerado um dos monumentos mais importantes da cidade. A sua construção teve

como término o ano de 1782 e teve o propósito de servir de residência real. Os seus requintados edifícios, templos, jardins e pátios são usados ainda nos dias de hoje para receber cerimónias e eventos de Estado. Este palácio conta com algumas exposições em permanência, que descrevem a história recente deste povo, destacam-se os jardins amplos e praças interiores assim como um espólio bélico realmente incrível.

Wat Arun – Templo do Amanhecer

Para aceder a este templo usamos um barco, sendo o cais de embarque relativamente próximo do Grande Palácio Real. Este templo destaca-se pela paisagem deslumbrante,





proporcionando magníficas fotos ao Amanhecer/Pôr do Sol. Este destaca-se por uma torre de 82m (a mais alta de Bangkok) localizada na praça central do templo. A arquitetura única faz viajar o visitante por templos do vizinho Cambodja decorados a preceito com porcelana Chinesa.

Visitar Bangkok é algo que transcende o próprio viajante, esta cidade repleta de luz, pauta pelo calor humano e um sorriso em cada esquina. O rio Chao Praya atravessa a área turística da cidade e através dele é possível aceder a diversos pontos turísticos. Se durante o dia uma viagem de barco realça os monumentos de noite a cidade muda, os “Neons” ligam-se e mergulhamos numa dimensão rodeada de arranha-céus com as suas luzes/grafismos. A cidade acorda de noite para esta transformação radical e nela podemos encontrar tudo desde os mercados noturnos, gastronomia local e importada de países circundantes. A visita a Khasoan Road é imperativa fazendo relembrar um local onde retirado de um filme, onde a rua caótica contrasta com as centenas de barraquinhas que

vendem literalmente tudo o que se possa imaginar. Sim é aqui que vão encontrar as famosas camisas com padrões exóticos assim como escorpiões/cobras aranhas vendidas como snacks.

O mercado flutuante de Damnoen Saduak é o mais popular da Tailândia e uma das visitas obrigatórias perto de Bangkok. Está localizado na região de Ratchaburi, a 100 quilómetros ao sudoeste de Bangkok. O nascimento do mercado de Damnoen Saduak remonta a 1866 através da construção e um canal de 32Km que pretendia unir os rios Mae Klong e Tha Chin. Os habitantes da zona construíram por volta de 200 pequenos canais e começaram a aparecer os mercados flutuantes. Depressa estes canais viraram rotas de comércio interno. Recentemente começou a ser frequentado por turistas em virtude de contrariar todos os conceitos de mercado tradicional. Os amantes de cinema e da saga James Bond 007 reconhecerão este mercado do filme “Man with Gold Pistol”. Para os mais audazes fica o desafio uma refeição a bordo de



uma pequena embarcação um verdadeiro teste de perícia. O mercado de *Maeklong* – situado em plena linha do comboio mostra a resiliência de um povo, rezam as lendas que previamente à construção da Linha de Comboio o local era um simples mercado. Entretanto com a chegada da linha de comboio consta que os vendedores em vez de optarem pela mudança de sítio adaptaram as suas bancas dando lugar a imagens únicas associadas a recolha rápida dos seus pertences cada vez que o comboio atravessa o mercado. A cidade BBK (Bangkok) abreviatura usada por viajantes e pelo qual é conhecida a cidade prima igualmente pelo seu dinamismo económico contando com diversas empresas instaladas no denominado centro financeiro/empresarial. Os arranha-céus são magníficos a maioria equipada com Bares/Restaurantes tipo “RoofTop” que permitem observar

o pôr-do-sol com uma vista deslumbrante sobre a cidade acompanhada de um jantar ao sabor da comida tradicional tailandesa. Destes destacamos o *MahaNakhon*, o edifício mais alto da Tailândia com um design único idealizado pelo arquiteto alemão Ole Scheeren (criador do edifício Torre Televião Pequim). Inaugurado em 2016 a sua construção demorou 5 anos, apresentando-se com uma torre pixelizada de 313 metros de altura.

Deixamos BBK rumo a Norte a caminho de Ayutthaya – Antiga Capital do Reino. Os sentimentos são divergentes: contrastando a felicidade com o sentir que muito terá ficado por descobrir. Todavia, na mente do viajante os planos de regressar são automáticos e quando assim é o sentimento que prevalece é um: “Valeu apena”.

Até já. Seguimos para Ayutthaya.



| SABORES LUSOS EM ESTADO LÍQUIDO

A ignorância e a cobardia

No final de 2020 o mundo português espalhado pelas diferentes geografias conheceu uma nova polémica. Uma reportagem da televisão pública nacional deu destaque à Morais Vineyards & Winery, uma adega portuguesa no Estado da Virgínia, nos EUA. Os vinhos desta empresa são apresentados como sendo trabalhados para preservar a “delicadeza dos sabores portugueses” na Virgínia. E há referências como a Touriga “National” (sim, com T) e o Battlefield – um “vinho verde” produzido com a casta portuguesa “Albarino”. Como se não fosse bastante, o enólogo, português e emigrante, in-

cumbido de apresentar os vinhos, justifica o nome da região dos vinhos verdes por nela se produzir vinhos com uvas não maduras.

O setor vitivinícola reagiu intempestivamente: com ironia, sarcasmo e – nalguns casos – até com reações insultuosas. De facto, o posicionamento da firma não respeita o conceito de terroir, constituído por uma tríade de factores naturais numa região (solo, castas e clima) e pela cultura associada à intervenção humana. De acordo com este conceito, os perfis dos vinhos são irrepetíveis noutras territórios, porque é im-

possível replicar todos os pilares que, conjugados, caracterizam cada região de produção. A região dos vinhos verdes é, por isso, única no mundo.

Por outro lado, os Vinhos Verdes são produzidos com uvas maduras, ao contrário do que advogou o enólogo. A designação da região tem várias explicações, existindo algumas dúvidas sobre a origem. Mas a explicação oficial e mais consensual é a de que a área tem muita vegetação, sendo a mais verdejante do país.

Há ainda a questão da designação adoptada para a casta portuguesa “Albariño”. A origem da casta é dúbia, tendo chegado provavelmente em simultâneo ao Norte do Minho e ao Sul da Galiza. Mas em Portugal a casta escreve-se Alvarinho e em Espanha a designação é Albariño. Acresce que os nomes das castas são como os nomes das pessoas: não têm tradução. A Touriga Nacional não pode passar a “Touriga National” só porque é produzida na Virgínia.

Os lapsos, por cá considerados incompreensíveis num contexto profissional e competente, revelam mais do que

meras imprecisões. Revelam as diferenças entre o perfil clássico dos países do velho mundo e o perfil disruptivo dos produtores do novo mundo. Aliás, a definição entre velho e novo mundo encontra na flexibilidade das regras e dos cânones um dos pontos de sustentação.

As regras foram criadas para assegurar padrões de qualidade, beneficiando todos: os produtores, que a longo prazo mantêm estabilidade e preços mínimos; e os consumidores, que sabem, ao comprar um vinho de determinada região, com o que contar. Mas no Novo Mundo, a regra parece ser não haver regras.

É antigo o debate sobre a apropriação de expressões exclusivas de alguns territórios vitivinícolas de acordo com a legislação respectiva. As denominações de origem de Champagne e do Vinho do Porto têm sido extraordinariamente combativas na defesa das suas denominações, para não deturpar a sua relevância e significado. Mas a legislação dos países de origem não é aplicável a países terceiros e os acordos comerciais

com algumas nações são difíceis de obter. A China, por exemplo, continua a produzir vinho que vende como sendo “Vinho do Porto”.

De qualquer forma, o caso aqui relatado é pedagógico ainda noutro sentido. O universo dos vinhos é fechado e muitas vezes recatado em Portugal. Tem dificuldade em aceitar a diferença e, sobretudo, a fuga a determinados cânones. Mas o aproveitamento da imagem positiva das regiões ou das castas, construídas pelos cânones rígidos, também não parece um exercício sério. Ainda assim, o alvoroço provocado pelo ocorrido demonstrou nalguns casos uma falta de cortesia que não era usual no sector. Lembro-me bem de uma conversa com o Senhor Manuel Poças Pintão, da Casa Poças, que há umas décadas relatava com um exemplo o respeito entre as empresas de vinhos – que chegavam a emprestar as suas próprias marcas aos concorrentes, nos mercados em que não precisavam delas. A ignorância é triste. Mas a falta de cortesia também. E enxovalhar quem já está caído, chega a ser cobardia.



Pedro Guerreiro
Gestor

| SABORES LUSOS EM ESTADO SÓLIDO

Sustentabilidade na cozinha



Este é um tópico que tem vindo a crescer nos últimos anos no mundo da cozinha.

Há 25 anos, a maior parte dos chefes faziam os menus com os produtos que mais gostavam. Não haveria muitos que tinham em conta a temporada, ou produtos de época ou a constante importação de produtos.

Agora, que o ambiente mudou drasticamente, e com os clientes ainda mais preocupados com a origem dos produtos que consomem, com o crescimento do conhecimento, vem o crescimento da responsabilidade dos restaurantes de terem mais cuidado na busca pelos produtos e na maneira como gerem o restaurante.

Para conseguir criar uma cozinha/ restaurante sustentável, deve-se seguir ao máximo os seguintes pontos:

- Produtos de época, seguindo a temporada, não só temos esse desafio para cada prato, mas também para cada cliente, tendo a responsabilidade de oferecer ao cliente o melhor de cada produto;
- Trabalhar com os fornecedores certos, por exemplo, os fornecedores locais que nos fornecem um produto mais especial, é importante que os produtores adorem o que fazem, o que garante qualidade nos produtos que fornecem;
- Ter a nossa horta, nem sempre é possível ter “o nosso quintal”, mas se for possível alugar um, será o mais adequado, pois, é importante que usemos o que plantamos. Se houver desperdício, sempre pode voltar à terra como fertilizante;
- Comprar localmente, principalmente ajudar os pequenos produtores;



- Pensar além dos produtos alimentares, importante usar o menos plástico possível, produtos de limpeza mais leves para o ambiente;

- Gerir o desperdício, reciclar em todos os aspetos;

- Educar toda a equipa, quando remamos todos na mesma direção os resultados são melhores e mais eficientes. A melhor maneira da informação chegar aos clientes é através da equipa, especialmente a equipa de sala.

É importante ter um restaurante incrível, mas o mais importante são, efetivamente, os clientes, que sentem desde o primeiro momento. Bom serviço e boa comida, e um ambiente em sintonia e harmonia, são a chave ou o caminho para a garantia do sucesso.



Tiago Sabarigo
Chef Essência Restaurant/ Budapest

| FALAR PORTUGUÊS

A língua gestual portuguesa é uma língua a sério?

Há uns tempos, pus-me a ouvir uma conversa em que alguém perguntava se a língua gestual portuguesa era uma língua a sério. A outra pessoa respondeu: «Não, não. Não é uma língua! É uma linguagem.» (Não sei bem o que queria ele dizer com isto...)

A outra pessoa ficou mais descansada, até ao momento em que me meti na conversa e disse que, na verdade, as línguas gestuais são línguas a sério. São manifestações da linguagem humana tal como o português, o inglês e todas as outras línguas que conhecemos.

As línguas gestuais têm gramática própria. Têm sujeitos, predicados, verbos, complementos e tudo o mais que conhecemos das gramáticas das línguas orais. Têm também dicionários e gramáticas, claro está.

As línguas gestuais não são meras transposições das línguas orais que se falam em cada país. Assim, a língua gestual portuguesa está mais próxima da língua gestual da Suécia do que da língua gestual brasileira. É estranho, mas é assim. A gramática da língua gestual portuguesa não é baseada na gramática do português.

Podemos criar frases de forma criativa e até, claro, criar poesia em língua gestual portuguesa. É

uma língua! Podemos fazer literatura com ela. Podemos dar instruções. Podemos seduzir e insultar. Podemos até usar uns quantos palavrões! Há quem use as línguas gestuais melhor ou pior. Há quem seja mais desenvolto a falar (neste caso, a usar os gestos) e quem seja um pouco trapalhão. Tudo como no caso das línguas orais. Há variação regional e social e há uma norma-padrão. Há mudança ao longo do tempo, tal como acontece nas línguas orais...

Estas são línguas que podem ser reconhecidas oficialmente ou ignoradas por muitos — o que também acontece com as línguas orais.

Quem aprende a língua gestual portuguesa em adulto pode usá-la «com sotaque», ou seja, nunca conseguir ser fluente na língua como os nativos, ou seja, quem a aprende desde criança. E, reparem: é uma língua que é tão difícil de aprender para um português como para um inglês — isto porque não é baseada no português.

Em resumo: a língua gestual portuguesa é uma língua. Está até reconhecida na nossa constituição. É pouco conhecida e há quem ache que é uma simples «linguagem», como a «linguagem dos pp» ou algo assim, mas, na verdade — e repito — é mesmo uma língua a sério.



Marco Neves
Universidade Nova de Lisboa

A outorga de testamento para escolha da lei da sucessão

info@abreuadvogados.com

<https://abreuadvogados.com>

Sabia que, em certos casos, pode escolher a lei que virá a ser aplicável à sua sucessão?

O Regulamento (UE) n.º 650/2012, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 4 de julho de 2012, que entrou em vigor em 17 de agosto de 2015, e que se aplica à vasta maioria dos Estados-Membros da União Europeia, determinou que a sucessão de um cidadão se rege, em princípio, pela lei da sua residência habitual.

Todavia, o cidadão pode eleger, através de testamento, a lei da(s) sua(s) nacionalidade(s) como a lei competente para tal, afastando assim a lei da residência habitual.

Esta escolha de lei é aplicável a todos os ativos e passivos que venham a integrar a sucessão, independentemente de se tratar de direitos, bens móveis ou imóveis e até da sua localização. No caso de dupla ou múltiplas nacionalidades, poderá ser escolhida a lei de qualquer um dos Estados em causa, mesmo que não seja um Estado-Membro da União Europeia, ou sendo, ainda que não esteja vinculado a este normativo.

Assim, por exemplo, um cidadão português que tenha residência habitual noutra Estado pode outorgar testamento, escolhendo a lei da nacionalidade como a aplicável à sua sucessão, no caso de tal lei se apresentar mais favorável aos seus intuiitos que a aplicação da lei da sua residência habitual.

Na verdade, a aplicação do critério da residência habitual ou da nacionalidade para determinação da lei aplicável em matéria sucessória pode ter efeitos completamente distintos na distribuição de uma herança.

Veja-se o exemplo de um cidadão inglês, residente habitual em Portugal, com três filhos e cônjuge (casado sob o regime da separação de bens), que falece sem testamento que eleja

a lei aplicável à sua sucessão. Perante a sua morte, Portugal aplica à sucessão lei da residência habitual e, portanto, este cidadão inglês verá a sua eventual vontade relativa à disposição dos seus bens post mortem muito condicionada pela aplicação das regras imperativas portuguesas, especificamente pela existência de herdeiros legítimos e quota indisponível, ou seja, herdeiros que não podem ser afastados, recebendo obrigatoriamente ativos (e passivos) equivalentes ou superiores aos mínimos legais previstos. Na presente situação, admitindo que os três filhos e o cônjuge lhe sobrevivem, cada um deles tem direito a receber $1/4$ da sucessão; havendo testamento que não afaste a lei portuguesa, $1/3$ da sua herança pode ser deixado a quem o testador quiser e nos termos que entender; contudo, os restantes $2/3$ são divididos, em partes iguais, pelos 4 herdeiros legítimos supra identificados.

Se, diversamente, o cidadão inglês outorgar testamento em que escolhe como lei aplicável à sua sucessão a lei inglesa, então já não terá herdeiros obrigatórios, podendo livremente deixar a totalidade da sua herança a quem e como entender.

Logo, o mesmo cidadão pode dispor livremente de $1/3$ da sua herança no caso de não fazer testamento, ou da totalidade da mesma se outorgar testamento com escolha expressa da lei da sua nacionalidade para o efeito, o que pode ser uma vantagem muito significativa para o testador.

Assim, face à internacionalização crescente dos cidadãos e às diferenças legislativas de país para país em matéria sucessória, entendemos que a outorga de testamento se apresenta atualmente como uma necessidade real.

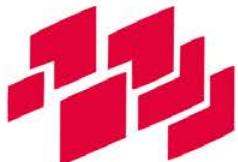


Marta Costa
Abreu Advogados

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO



Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada



cisterdata
consulting

Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.

DIREITO FISCAL

As autorizações de residência em Portugal

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>

Relativamente ao regime de Autorização de Residência para Investidores (*Golden Visa*), existe uma autorização legislativa para alterar a lei de entrada e saída de estrangeiros, autorização esta que terminou em 31.12.2020. Isto significa que, se até ao final deste ano não for aprovada a alteração legislativa, a mesma caduca e fica sem efeito. No entanto, o Governo Português já afirmou que é sua intenção proceder à referida alteração até ao final deste ano.

Confirmado-se esta alteração, a mesma deverá concretizar-se na impossibilidade de adotar a modalidade de investimento imobiliário em Lisboa e no Porto (e áreas costeiras). Não obstante, todas as outras modalidades de investimento permanecerão, em princípio, inalteradas. Chamamos a atenção para



a modalidade de investimento em fundos de investimento que estão a ser trabalhados para continuar a permitir o investimento em imobiliário.

Embora maioritariamente desconhecidas de investidores e/ou estrangeiros com intenção de alterar a sua residência para Portugal, existem também outras alternativas; realçamos aqui, a autorização de residência vulgarmente chamada como D7 (ou “*passive income visa*”). Esta autorização de

residência implica um processo a dois passos (i) pedido de visto de residência junto do consulado português de residência; (ii) pedido de autorização de residência junto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras em Portugal. Tem como principal critério que o requerente consiga demonstrar, perante as autoridades portuguesas, que possui meios financeiros suficientes para suportar a sua vida e da sua família se aplicável, em Portugal. Quer o *Golden Visa*, quer a mencionada alternativa, permitem aos requerentes, findos cinco anos de residência legal em Portugal e cumpridos os outros requisitos legalmente previstos, solicitar uma autorização de residência permanente em Portugal e/ou iniciar um processo de aquisição de nacionalidade portuguesa.



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

| FISCAL

Gabinete para toda a obra

Muitas vezes um gabinete de contabilidade mais parece um gabinete de psicologia, onde o cliente vem partilhar os seus anseios, as suas preocupações, os seus desabafos de temas que nada têm a ver com a contabilidade, fiscalidade, salários ou plano de negócios, mas sim sobre temas pessoais, familiares ou atualidades da nossa sociedade.

Um Lusodescendente de passagem por Portugal ficou admirado de ver tantos e tantas, inclusive várias associações, a manifestarem-se pela morte criminosa de um cidadão americano às mãos da polícia americana. No entanto, quando mais tarde regressou, não conseguiu entender porque essas mesmas pessoas não realizaram as mesmas ações quando um cidadão europeu morreu às mãos da polícia portuguesa. Ouvi o desabafo e não lhe consegui avançar com uma explicação. Outro de passagem também por Portugal, notou que o português por vezes tem tendência a tratar melhor os estrangeiros que propriamente os portugueses e confessava que até evitava falar português para gozar da mesma atenção...

Outros clientes confundem o gabinete de contabilidade com um gabinete de “macumba”, pedindo toda a sorte de previsões sobre os seus negócios, sobre os seus processos fiscais, sobre o comportamento dos seus bancos, da Segurança Social e de outras entidades públicas.

Infelizmente, e apesar das minhas insistências, a Microsoft ainda não me enviou um hardware apropriado: uma bola de cristal, pelo que nesta situação privilegio o conselho do João Pinto: “Prognósticos, só no fim do jogo”. O ambiente atual é muito adverso a previsões e é difícil assumir cenários pelos outros e pelos quais não temos nenhum controlo.

Nestas andanças de contabilista, tenho-me apercebido que vários lusodescendentes, talvez por ingenuidade, olham para os bancos com boa fé aquando da sua passagem por Portugal, tendo sido várias vezes demonstrado pelos inúmeros casos na banca nacional que a cautela e a desconfiança protegem melhor os seus interesses. Por outro lado, os bancos nacionais estão atingidos atualmente por um mal: compliance o que torna quase

impossível um banco olhar para um lusodescendente não residente com olhos de boa fé. Se este pretende trazer as suas economias para Portugal, defrontará provavelmente a compliance do seu banco que tem por hábito desenvolver este raciocínio: se tem muito dinheiro é criminoso, logo deve-se tratar de uma situação de branqueamento de capitais e não vai de modas, sem qualquer aviso, a conta é bloqueada e inicia-se um processo tortuoso. Estes departamentos dos bancos, pareceram sempre cegos quando os seus colegas e acionistas do banco, durante anos delapidaram o seu próprio banco, como aconteceu com a série de bancos que faliram em Portugal. Agora para mostrarem trabalho, infernizam a vida de quem se tem limitado a trazer divisas para o País. Um erro frequente cometido pelos lusodescendentes quando passam a residir em Portugal, é deixar de trabalhar com o banco que o tem acompanhado no exterior.

Apesar de tudo, em caso de dúvidas não deixe de falar com um contabilista certificado, não vá ele já ter uma bola de cristal...



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata

A plataforma para unir
todos os lusodescendentes

AILD.PT

A PRIMEIRA AGÊNCIA MIGRATÓRIA EM PORTUGAL



1^a

Agência Migratória em Portugal



Com a Ei!, desde 2014
o processo da contratação
simples e eficaz, dos consultores
estrangeiros, tornou-se possível.



+351 217 960 436



www.eimigrante.pt
geral@eimigrante.pt

Visa para exercício de
atividade profissional
altamente qualificada



Autorização residencial
para destacamento de
trabalhadores



Tech Visa
(profissionais na
área de TI)



Vistos de
estadia
temporária



Vistos de
trabalho



Lisboa: Av. Fontes Pereira de Melo, 35 – 2.ºA
1050-118 Lisboa



Porto: Rua Feliciano de Castilho, 66,
4000-293 Porto